

**Rilvan Batista de Santana**

# **Dom Patinhas**



**Ano 2019**

## Apresentação

Caro leitor, mais um livro digital que tenho a pretensão de colocar para leitura e reflexão dos meus amigos e minhas amigas. De início, gostaria de fazer um livro impresso, mas por impossibilidade financeira e editorial, vai aí, 21º. livro virtual, se fosse famoso, seria prestigiado pela “Lei Rouanet”, porém, não me satisfaria usar o dinheiro público para produzir algo que o conteúdo não será aprovado pela crítica especializada e, pelo leitor.

Faz algum tempo que alimento o desejo de escrever um livro sobre a temática existencial nos moldes kafkianos, Albert Camus e Soren Kierkegaard. Não sei se serei capaz de levar a cabo essa empreitada, porém, é o caminho indicado por Albert Camus: “Se você quiser filosofar, escreva romances”. Gostaria de escrever um tratado, um ensaio sobre o assunto absurdo existencial, por falta de competência, arriscar-me-ei escrever um romance.

Não será um monólogo, mas irei usar a primeira pessoa na narração o tempo todo e evitar quanto puder, muitos protagonistas, aliás, irei usar alguns personagens surreais e não vistos na literatura de hoje.

Não me motiva escrever um romance açucarado, convencional, politicamente correto, todavia, motiva-me escrever um romance criativo, demonstrar o niilismo ou, o significado da existência. Rilvan Batista de Santana – O autor.

## Dom Patinhas

Não escolhi o título “Dom Patinhas” para este livro. O nome surgiu pela minha conduta excêntrica e misantropa. Não que eu seja avesso à sociedade, ao homem, seria negar minha própria natureza e não teria sido competente nas minhas relações comerciais com outros homens e amealhado muitos milhões em espécie e o dobro em imóveis, contudo, reconheço que sou mais introspectivo do que bonachão.

Acho que o meu apelido foi dado pelos moleques e adultos moleques e, não seria a corruptela “Dom Patinhas”, mas “Tio Patinhas”, o multimilionário sovina do cartunista americano Carl Barks, se não fosse a minha idade menos moça e a minha introspecção, além de “Dom” dá mais respeito e menos intimidade do que o “Tio”.

Não pense, leitor amigo, que eu fico zangado com o apodo “Dom Patinhas”, salvo, se eu fosse motivo de zombaria, mas o apelido me foi dado por conta da minha riqueza e por não ser um sujeito estroina. Gosto quando eles dizem que sou pão-duro, sovina, avaro, que não dou adeus para não abrir a mão e outras indiscrições de jovens inconsequentes e alguns inconsequentes menos jovens. Rio por dentro, pois eles não entendem que no início da minha vida produtiva, não dissipar à toa os meus recursos financeiros, os meus imóveis, era uma estratégia para de um tostão fazer um milhão. Hoje, não gastar além do necessário existencial, é um hábito, de acordo Santo Agostinho, o hábito é uma segunda natureza.

Não tive filhos biológicos nem casamentos nem muitos amores, as mulheres que se aproximavam de mim, eram mais por interesse do que por amizade e amor, por isto, eu fui as rejeitando pouco e pouco ao longo dos anos, eu as usava tanto quanto, elas se beneficiavam do meu dinheiro, depois sumiam... Porém, o destino colocou-me nos braços um filho não de minhas paixões carnis, mas o filho de uma empregada doméstica que me serviu da adolescência até o dia que morreu, aos 23 anos de vida, em parto e hipertensão arterial (eclampsia), deixou órfão de mãe e pai desconhecido um robusto menino que lhe dei o nome: José Maria Villena Avilez Júnior.

As más línguas insinuaram, há 29 anos atrás, que o filho era meu, não disse nem desdisse, aliás, dei-lhes como resposta o silêncio e de acordo a sabedoria popular, “quem cala consente”, eu consenti pela conveniência de ter um herdeiro, o populacho jogou-me dentro do primeiro vagão do trem da oportunidade, eu fiquei com o menino – naquela época, não havia DNA.

José Maria crescia e desenvolvia-se a olhos vistos, se fosse filho de sangue não parecia tanto comigo: cabelos loiros, rechonchudo, pele alva e olhos verdes. Dei-lhe uma ama-de-leite por um ano. A minha única irmã, solteirona e sem filhos, substituiu sua mãe biológica, até hoje cuida dele como se filho fosse, aliás, é a mãe que ele conhece e sente: o que pulsa no coração do filho, impele o coração da mãe.

Criamos José Maria com muito amor. Maria Villena Avilez cuidava de sua educação básica, dos seus afazeres escolares, não perdia nenhuma reunião de pais e mestres na escola. Eu acompanhava José Maria nos esportes, fi-lo praticar vários esportes, mas o que ele mais gosta e pratica até hoje, é o futebol, não que seja exímio na bola, mas o esporte que lhe dá mais prazer, não perde uma pelada nos clubes sociais ou na fazenda com os camaradas. Quando viaja, enturma-se com os praticantes da bola no clube da cidade.

Desde cedo, ensinei-lhe valorizar o conhecimento (ele fez 2 faculdades: Administração e Direito), o trabalho e o dinheiro. O conhecimento como meio de libertação de domínio intelectual; o trabalho dignifica o homem, torna-o autossuficiente, menos egoísta, mais humano; o dinheiro como instrumento de promoção do bem comum, de benefício social, não, como meio de acúmulo irracional e dependência. José Maria absorveu todos esses ensinamentos, hoje, ele não é homem rico, mas cidadão rico e consciente de suas responsabilidades sociais.

José Maria não gosta de bebida alcóolica, não fuma, refrigerante só de quando em vez, dorme cedo e levanta antes do Sol nascer, não é beato católico, mas não perde uma missa de domingo. Algum desavisado poderá conjecturar que lhe impusemos, eu e sua mãe, essa norma de vida, todavia, foi mais o exemplo que a imposição, elegemos, aqui em casa, desde sempre, o deus da água, não o deus do álcool ou do açúcar do refrigerante que faz mal à saúde, além disto, eu e Maria, nós herdamos dos nossos pais a fé e os princípios católicos.

Não impomos nada ao nosso filho, seu bom caráter não foi moldado na bigorna da vida a ferro e fogo, apenas, o cuidamos com disciplina, respeito, convivência e amor.

Com a idade, eu promovi José Maria a vice-presidente executivo das minhas empresas, quase que não vou lá, ele cuida dos nossos interesses empresariais com inteireza correção.

Ultimamente, as pessoas comentam por detrás de mim, que eu estou mais excêntrico e mais esquisito, eu não dou importância às picuinhas desses desocupados, mas não lhes sou indiferente nem lhes faço ouvido mouco, por isto, procurei um médico psiquiatra para certificar-me que não estou com nenhum transtorno mental, nenhuma crise de ansiedade ou se algum grau de estresse me perturba.

Não me retirarei do mundo como o multimilionário, excêntrico e portador de misofobia, o norte-americano Howard Hughes, não sinto medo de micróbios, as doenças não me assustam, porém, ultimamente, aguça-me conhecer os mistérios da vida e da morte, por isto, o médico recomendou-me umas férias prolongadas dos negócios e da cidade. Sugeri que eu me refugiasse no campo pelo tempo que me fosse necessário à paz mental e ao deleite da alma.

Há um pensamento popular que diz: “o homem põe e Deus dispõe”, quando me preparava passar uma temporada numa das minhas fazendas, adoce gravemente minha irmã Maria, mãe de José Maria.

Maria, hoje, tem 60 anos de idade. Nunca me abandonou, sempre esteve ao meu lado, ela é desprovida de ambição, quando mais nova, quis fazê-la minha sócia nos negócios, ela argumentou que não seria necessário e se eu quisesse pensar em seu futuro, que lhe assegurasse uma previdência para velhice.

Não era dada a namoros na mocidade, teve muitos pretendentes, mas não doou seu coração para nenhum. Quando adotei José Maria, ela remoçou, a criança trouxe-lhe significado de vida e a monotonia que ela levava, ficou para trás.

Adiei as férias. Eu e José Maria torcemos para que sua doença não seja o início do fim, eu prefiro morrer muitas vezes do que vê-la sofrer, que a morte não tire a melhor parte de mim.

## Deus é meu refúgio...

A sensação de medo ante o perigo real ou imaginário, consome o corpo e a mente, durante 3 meses, eu e José Maria, dormíamos enrolados no cobertor do medo e acordávamos agarrados nas asas da esperança. Todos os esforços foram em vão para que Maria não morresse. A doença de Maria foi rápida e agressiva: diagnóstico de câncer de mama, tratamento ambulatorial, internação e morte.

Ela morreu lúcida até os últimos instantes, não mugiu, não blasfemou nem reclamou, o tempo todo teve consciência da gravidade e desfecho de sua doença, sua única preocupação era o meu bem-estar e do filho. Não foi o câncer que a levou à sepultura, mas uma intrusa broncopneumonia que roubou a cena. Nos estertores da morte, quando seu peito subia e descia procurando ar, ainda teve fôlego para se despedir com das as dificuldades físicas com o salmo:

*“De...us é... o nos...so refú...gio e a nossa... for...ta...leza,  
Auxí...lio sem...pre pre...sente na adver...sidade” (Salmo 46:1)*

Eu fiquei baqueado alguns dias com a morte de Maria, preferia morrer enésimas vezes que tido de fechar seus olhos para o caminho da eternidade. Sem Maria para cuidar dos afazeres da casa, admitir e demitir empregadas domésticas, acompanhar o jardineiro no plantio, no adubo e na poda das árvores, zelar pela minha estabilidade emocional, cuidar dos meus interesses particulares, eu não teria ido tão longe em meus negócios. Todavia, quando se envelhece fica com a pele em escamas como couro de jacaré, resistente às intempéries da vida.

Porém, com José Maria não aconteceu o mesmo, ele ficou soturno e maus humores por tempo considerável. Queixava-se a Deus, tê-la tirado de si, na melhor fase da vida de ambos: ele no arroubo da juventude; ela, na estabilidade da maturidade. Por isto, ele escreveu na lápide de Maria:

*“A nossa convivência, aqui, foi quase nada... Que Deus faça-nos justiça na vida eterna. Seu filho, José Maria”.*

## O destino

A morte repentina de Maria, forçou-me refletir sobre o nosso destino. Será que o destino dela fosse passar pela vida, anônima e medíocre? Será que seu destino fosse não gerar filho, não se perpetuar na carne? Será que José Maria foi seu filho noutras mundos? Será que no seu destino estava escrito a dor e o sofrimento antes de morrer? Se tudo está escrito, então, a “História da Humanidade” pode ser reduzida à malícia da serpente? E, à fragilidade de Eva que instigou Adão comer a fruta do conhecimento (mesmo ameaçado de morrer e a expulsão do Éden) do bem e do mal? A fruta do pecado, a maçã, a fruta do amor... de lá para cá somos todos, as vítimas do pecado original, ou seja, nascemos com o estigma do determinismo do pecado original, enfim, nascemos com um destino.

Todavia, o destino em si, não responde todas às questões existenciais, se assim fosse, o homem viveria sob a batuta determinista, não haveria livre arbítrio, não teríamos capacidade de escolha. Mas, o homem pensa, como ser pensante, ele constrói sua história de acordo sua vontade.

Porém, se o destino não explica tudo nem é o responsável principal pela felicidade do homem, alguém afiança que: “Quando se navega sem destino, nenhum vento é favorável”. A sabedoria popular completa: “Quem tem sorte, mora no morro, cria galinha embaixo e o ovo sai rolando morro acima”.

O conflito entre o determinismo e o livre arbítrio, levou-me refletir sobre o destino de José Maria. Ele chegou sem ser chamado, filho duma empregada doméstica e pai desconhecido, parentela miserável, herdou uma carga de necessidades históricas que se não fossem seus pais adotivos, talvez, ele tivesse morrido no nascedouro. Mas a sorte sorriu para José Maria, ele encontrou pais ricos dedicados e cheios de afeto. Será que foi o destino que trouxe José Maria até mim, ou, ele foi envolvido por fatores circunstanciais? E, o destino é isso: as nossas circunstâncias! As circunstâncias fazem o homem e não o contrário.

Enfim, conclui que o determinismo e o livre arbítrio se resumem num mundo de possibilidades e José Maria foi jogado nesse mundo, nada é predeterminado nem o livre arbítrio é decisivo em nossas ações, porém, as coisas são possíveis conforme às circunstâncias: ele nasceu órfão, eu ansiava por um filho biológico, com a idade madura já não era recomendável, Maria não se casou nem era dada a casamento, portanto, ela teve

um filho que não pariu e, a criança caiu-lhe no colo como um par de luvas ajustadas nas mãos.

4

### A morte

A morte é perversa. Ficar sem Maria foi difícil. Todos nós somos mortais, porém, ninguém se acostuma com a morte por mais consciência que temos dessa fatalidade. Às vezes, eu me pergunto: “Por que nasci se não sou para sempre?” Nem todos têm o privilégio de acreditar na ressurreição ou na reencarnação para minimizar a morte, é uma questão de fé e de foro íntimo. Também não sou ateu, nasci numa família católica, mas ao longo do tempo, depois de muitas cabeçadas na vida, adotei o princípio de Huxley que o conhecimento tem que vir através da razão e comprovado, a verdade da vida não pode ser por ilação.

A fé pura e a convicção vazia não se sustentam por muito tempo para aceitar ou justificar a morte, por isto, algumas pessoas demoram pouco tempo para se desvencilhar do luto. Antigamente, o pesar pela morte de um parente, era externado por roupas pretas ou fitas escuras e o período de luto levava longo tempo, principalmente, as viúvas que choravam a morte dos seus cônjuges pelo resto dos seus dias. Hoje, com a evolução dos costumes, dos conceitos sociais, esse sentimento de perda é aceito de maneira menos emocional pelos parentes, ele é mais racional e prático, isto é, esse sentimento fica no coração, na memória, não nas roupas nem conduta pesarosa, é comum depois do sepultamento de um ente querido, quem fica a dizer: “a vida continua...”

O problema da morte não é a morte, mas após a morte, não sabemos o que vamos encontrar do lado de lá. Se tivéssemos certeza que a morte não é o fim, conforme os cristãos, os espíritas e outras religiões, em que a morte não é solução de continuidade, a negação da vida, estado nefasto da matéria, estado irreversível, “o homem é pó e ao pó voltará”. Se a morte fosse um sono profundo que ao acordar no dia seguinte, estivéssemos dispostos para romper o dia, não discutiríamos sua natureza e finalidade.

Quantas vezes, nesses dois meses da morte de Maria, eu orei ao além, em vão, para que ela me desse um sinal? Inúmeras vezes! Então, recorri à literatura espírita de Chico Xavier, no livro: “Vozes do Além”, ali alimentou-me a esperança de “vê-la”, todavia, essa esperança foi desfeita com uma entrevista na TV, do padre Quevedo, que



embasado na “Parapsicologia”, sustentava que todos esses fenômenos eram produtos da mente dos vivos e não de algum ente querido do mundo dos mortos.

## 5

### O cadáver

Certa feita li em algum lugar que Alexandre, o Grande, sucessor do rei Filipe II, da Macedônia, antes de morrer, ele recomendou aos seus generais e parentes que seu esquife fosse aberto para com os braços e mãos de fora, ele deixasse cair joias ao longo do percurso ao mausoléu com o significado que daqui não levamos riquezas nem glórias, tudo fica aqui como dantes.

Esse exemplo do rei Alexandre mexeu com minha ambição empresarial, pois durante muito tempo meu propósito foi acumular riquezas. Hoje, não me move o bem em si, mas o jogo de interesses não declarados que movem os atores numa relação comercial. A relação comercial é um jogo de gato e rato, o mais astuto e o mais inteligente, é quem se dar bem. Quando faço um negócio exitoso não mais me realiza o lucro, mas os obstáculos que tive de remover para realizá-lo.

O exemplo de desprendimento histórico de Alexandre, o Grande, levou-me pensar que somos o tudo e o nada, portanto, peço licença ao leitor para transcrever um texto com o título “O cadáver”, publicado desde 02.11.2013, em sites e blogs de literatura:

“Ele estava ali estirado, o cadáver, o nada diante do tudo e tudo diante do nada, mas o tudo é o nada... Deus, ó Deus, onde estás que não vês o nada?! Nós todos, somos o nada diante de Ti! O nada é o cadáver, mas o cadáver já foi o tudo e o tudo um dia será o nada! O nada é o que existe...

Meu Deus, meu Deus, por que o tudo um dia tem que ser o nada? Não basta à angústia do homem não saber de onde veio, quem é, e, para onde vai? É preciso ainda ter consciência que não é nada?! Se os nossos dobrados de lágrimas e dor chegassem a Ti, o mundo deixaria de ser imundo e seria mundo. Deus, ó Deus, se o homem fosse tudo, deixaria de ser besta fera, desumano, desalmado e passaria ser humano!...

Deus, ó Deus, as frias carnes depositadas ali na pedra fria da funerária, serão comidas pelos vermes sem cerimônia, não importa para o verme, se um dia essas carnes foram vestidas por cambraia, seda, algodão, casimira, brim, cáqui ou jeans. Se a carne é

de sábio ou de ignorante, o que importa para o verme que a carne será sua comida, depois, verme e carne serão pó e mais do que nada.

Meu Deus, meu Deus, é justo ao homem o nada?! Nenhuma morte é digna, a morte é a indignidade da vida. Se o apóstolo diz: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo.” (Cf. 1Co 6:19,20). Como justificar a presença do Deus no nada? Não seria mais fácil dizer que Deus nunca esteve no corpo do homem? Portanto, o nada sempre foi o nada desde o início dos tempos!...

Estava ali o cadáver, pranteado e amado pelo tudo, tudo que amanhã será nada. Cadáver maniqueísta que foi bom ou mau e que viveu bem ou mal, qual o lado que o verme primeiro vai comer? Se o verme for bom, primeiro ele vai comer o lado mau se o verme for mau, ele vai começar pelo lado bom. Na vida não existe meio termo, só existe o bem ou o mal.

Porém, quando a vida se esvai, resta, somente, o cadáver, a luta entre o bem e o mal não tem sentido. O tudo não chora à chegada do nada, o tudo chora à exiguidade da vida, o tudo percebe que não é nada.

Estava ali estirado, o cadáver, sem vida e sem alma, mas será que existe alma, independente do corpo? Ou, alma é a energia que anima o corpo e se exaure deixando o cadáver? Os cientistas já conseguiram captar (filmar) a “energia” que se esvai do corpo nos estertores da morte. Há, hoje, quem advogue que esse processo não é instantâneo, leva em média, 20 dias para que o moribundo se torne cadáver.

Filhos, mulher, parentes, e amigos, choram e se descabelam sobre o cadáver, mas o cadáver é o nada, então, eles devem estar chorando, lembrando de tudo que é nada, a separação é eterna, a ressurreição e a reencarnação são embasadas na fé... Será que o nada um dia voltará ser o tudo? Ou, sempre o tudo será nada? Mistérios que o homem ainda não conseguiu decifrá-los, mas aceitá-los.

Ah, pais! Não devem chorar, porque o cadáver ali não é mais o seu filho, é um corpo depositado na pedra fria e indiferente da funerária, é um corpo estranho, não responde mais ao seu clamor, é o tudo diante do nada, ele não mais será acalentado no seio da família, pois o mundo da possibilidade exerceu o possível e desordenou a ordem natureza.

Em vão é o esforço do homem para juntar riquezas em detrimento da vida se o nada é o fim. Quantas vidas são ceifadas pelo vício e ambição material? Não se pode contar. O homem moderno ainda continua com ideias atávicas, sua mente pouco evoluiu em relação ao tempo, os cientistas afirmam que o cérebro do homem tem uma grande parte inexplorada. Se a mente humana tivesse desenvolvido todas suas potencialidades ao longo do tempo, sua espiritualidade fosse zen, ele tivesse mais amor à vida e à natureza, o nada seria diferente...

Deus, ó Deus, por que fez do tempo o nosso cutelo? Não se entende a exiguidade de vida que destes a vossa criação diante do tempo infinito! Um meteorito leva centenas de anos para se desintegrar (morrer) no espaço enquanto o homem e as outras espécies, a vida é fugaz. Se a vida é tão curta, melhor é morrer... Se não nascêssemos não teríamos a angústia que somos nada, a exiguidade da vida desperta insegurança no homem desde o nascimento à morte.

Chora humanidade que hoje é tudo e amanhã será nada!... Chora alma minha que hoje é vida e amanhã será o meu cadáver depositado no inferno, onde os vermes não deixarão em paz as minhas frias carnes, devorando as carnes boas e as carnes más!... Se as promessas de vida eterna e remissão dos pecados de Jesus Cristo não se cumprirem, debalde foi nossa luta entre o bem e o mal!..."

Depois da morte de Maria tive que tirar essas ideias da cabeça e das gavetas do arquivo e coloca-las no papel, espécie de catarse mental, purificação, uma maneira de reflexão da morte e da vida. Por mais consciência que o homem tenha, ao longo da vida de sua pequenez, que ainda não respondeu às perguntas que se faz de século a século: "Quem eu sou?", "De onde vim?", "Para onde vou?", só na maturidade e na dor, ele se dá conta que não é nada e tudo significa nada.

Logo, esse conflito existencial jamais resolvido, angustia cada vez mais o homem, que é o nada absoluto e, leva-lhe repetir dia e noite: “Por que nasci se não sou para sempre?”

6

### Superstição

O luto pela morte de minha irmã, passou mais na cabeça do que na roupa, quase que não usei roupa de luto, José Maria Júnior foi mais fiel à tradição, porém, continuei sorumbático e taciturno. Na segunda estrofe do poema “A palmeira” de Machado de Assis, define meu estado d’alma:

*Tenho a frente amortecida*

*De pesar acabrunhada!*

*Sigo os rigores da sorte,*

*Nesta vida amargurada!*

Não que não amasse minha irmã para honrar sua memória por mais tempo, porém, a vida não é um repositório de lamúrias, de choramingas, quem foi terá a vida eterna como descanso, quem fica, fica com a obrigação de continuar... A roda da vida não para, existir é a capacidade diuturna de remover obstáculos, de solucionar problemas. Quando o homem perde a capacidade de indignar-se perante à vida, ele perde a vontade de viver, a vida não lhe mais faz sentido: - Vivo-morto.

Abre parêntesis

Eu decidi passar alguns dias de folga numa das minhas fazendas. A fazenda “Tronco do Jequitibá” não é uma grande fazenda de cacau, sua área é de 98 ha, dista 25 km de onde resido e um pouco mais da sede dos meus negócios. Gosto dela pela sua infraestrutura: casa de alpendre, 5 quartos, suítes, piscina, luz, água canalizada (curso de água que sai da serra), antena parabólica pra TV, campo de várzea (xodó de José Maria, nos finais de semana. Os rapazes das fazendas circunvizinhas disputam campeonatos de futebol), além de barcaças e moradias decentes para os trabalhadores da fazenda.

Quando comprei há 20 anos a “Tronco do Jequitibá”, ela estava maltratada, a produção de cacau não representava 30% da produção atual. Mandei cabrocar as capoeiras, queimar a vassoura-de-bruxa, podar e adubar o cacau velho, melhorar sua sombra com novas árvores de eritrinas, ingazeiras e cajazeiras. A terra ociosa e apropriada para cacau teve plantio (fez-se um viveiro com amêndoas selecionadas do cacau da fazenda), sua sombra provisória, foi feita com mandioca e bananeira. A reserva de mata não sofreu danos e as fontes de água preservadas. Hoje, a “Tronco do Jequitibá” é modelo, autossustentável e lucrativa, inclusive, para manter 4 camaradas permanentes na colheita de cacau temporão e alguns trabalhadores temporários nas safras de fim de ano.

Estimado leitor, perdoe-me fugir do tema “superstição” e entrar nos detalhes da fazenda “Tronco do Jequitibá”, fi-lo não para ostentar vaidade econômica e poder patrimonial, mas lhe informar que obedeci “ipsis littere” ao médico que me recomendou umas férias prolongadas dos negócios e da cidade. Sugeriu, ainda, que eu me refugiasse no campo pelo tempo que me fosse necessário à paz mental e ao deleite da alma, já que me apresentava casmurro, sorumbático e arredio socialmente.

#### Fecha parêntesis

Por isso, decidi junto com José Maria, passar uns dias na “Tronco do Jequitibá”, sem determinar o tempo de volta, aliás, não havia necessidade, pela proximidade da fazenda com a minha residência na cidade e a sede das empresas, qualquer momento que me sentisse enjoado, poucos minutos seriam suficientes para estar em casa. José Maria é um ás nos negócios, o faturamento das empresas dobrou no primeiro ano de sua administração e continuou crescendo. Para que eu não ficasse sozinho lá, ele acordou com o negro Lubião (misto de motorista e guarda-costas), adicional salarial para que me acompanhasse o tempo que fosse necessário. Não gostava dessa preocupação exagerada de José Maria, ainda não me sentia inútil para cuidar de mim aos 68 anos de vida, todavia, deixava-me tutelar, não queria lhe contrariar, aceitava seu bem-querer.

Chegamos às 17:30 h na fazenda, cedo ainda, porém, devido à mata fechada, o tempo escurecia, em frente à cancela, num cruzamento de caminhos de roça, encontramos um despacho, uma oferenda (ebó), que me pareceu pouco tempo ali, pela conservação dos ingredientes: farofa de dendê, pipocas, velas (acesas), garrafa de cachaça e um frango preto decapitado. Tive susto, nunca frequentei terreiro, ilês, candomblé, pouco sabia da

cultura africana, do profano e do sagrado, de exus, de orixás, de oxum, de iansãs, comentei com Lubião:

- Negro, quiseram nos dar boas-vindas ou que não somos bem-vindos?

- Coincidência... Aqui, adiante, existe o terreiro da mãe Possidônia e as oferendas e os carurus são comuns no mês de São Cosme e Damião. O patrão é supersticioso, né?

- Superstição é um sentimento que nasce com o homem, tempero principal de todas as crenças. Não tem superstição, Lubião?

- Sou evangélico. Creio em Jesus Cristo, não nessas baboseiras! – brinquei:

- Então, chute esse ebó pra longe! – ele hesitou...negaceou... mas... enfim,, chutou!...

No outro dia, o explicável tornou-se inexplicável: Lubião apresentou-se ao trabalho com o pé direito inchado e dolorido, porém, convicto e dissimulado, atribuiu ao fato não ao despacho que chutou, mas ao mal jeito que deu no pé ao cair num buraco, à noite, daquele dia.

Lubião mentiu. Algumas pessoas não sabem mentir e o negro Lubião é uma delas. Sua história não se sustentava, num raio de 100 m da casa-sede, não existe buraco pra que ele pudesse se acidentar. A esposa do meu gerente trazia, desde a entrada da fazenda até o terreiro, tudo “escovado”. A estrada é de paralelepípedo, além dele não ter saído à noite, chegou, tomou banho, jantou e foi dormir. Pela manhã, deitado na “preguiçosa” no alpendre da casa, o pé direito, fora da rede, já apresentava sinais de inchaço, no decorrer do dia, o inchaço tornou-se protuberante e feio.

Fiquei preocupado com o negro e com certo sentimento de culpa, pois fui eu que o provoquei para que ele chutasse aquela oferenda colocada ali, no cruzamento dos caminhos de roça. Pensei consultar mãe Possidônia pela blasfêmia que fizemos, pedi-lhe desculpas se necessário, não poderia fazê-lo sozinho, mas com Lubião, então, com jeito lhe consultei:

- Vamos ao caramanchão da mãe Possidônia e pedi-lhe para passar uns unguentos no pé?

- Patrão, não é nada... foi uma torção no pé...

- Mas, aplicar uns unguentos, que é remédio caseiro, não tem nada a ver com sua fé, não é?

- Claro!

Recomendei o negro à mãe-de-santo Possidônia, Iyálorixá (soube depois, desse título), filha de Oxum. A negra passou-lhe uns unguentos no pé, deu-lhe uns passes, fez-lhe uns rapapés pra lá e pra cá, no outro dia, o pé de Lubião ficou desinchado e sem dor.

“Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” –  
William Shakespeare

7

### Gato de olhos verdes

- Patrão! Patrão! Patrão!... – gritou a cozinheira.
- Helena, o que você quer?
- O gato da sinhá Maria!
- E daí Helena? Ele não vive aqui?
- Patrão, desde que sinhá Maria morreu, ele sumiu!
- Que mal há nisso?
- Ele era o xodó de sinhá... – completou:
- Quando sinhá Maria se foi, “Cindy” sumiu!
- Não foi para alguma fazenda vizinha?
- Não!...

Gato para mim não fede nem cheira, aliás, fede mais do que cheira, eu nunca lhe dei atenção, Maria que não lhe tirava do colo, fiz-lhe algumas advertências, que gato é portador de difruço, de asma, que tivesse cuidado, daqui a pouco, estaria com falta de ar, não ficasse com o gato no colo o tempo todo, mas Maria não me levava a sério, fazia ouvidos moucos.

Umás coisas me chamaram a atenção: gato de olhos verdes, cara nova, comprido, pelo luzidio, preto com detalhes brancos nas patas, particularidades físicas que eu não observei no tempo de Maria, além disso, não dava para vê-las “en passant”, ele ficava afundado no colo da dona todo o tempo.

José Maria comungava comigo em relação ao felino preto, várias vezes o vi ralar com sua mãe:

- Mãe, deixe esse bicho pra lá, vamos almoçar!

Às quartas-feiras, eu e Lubião assistimos os jogos de futebol na casa de Zé da Onça, meu gerente e marido de Dona Helena, não que na casa-sede, eu não tenha uma televisão de última geração, porém, não existe graça assistir os jogos sozinho, pois Lubião gosta pouco de futebol, é evangélico e sua religião não recomenda torcer pra nenhum time. Eu sou vascaíno, Zé da Onça, também, logo, quando o Vasco joga e ganha é uma festa, uma euforia na família, eu saio de lá menos sorumbático, menos triste e mais alegre. Lubião, às vezes, comentava meu estado d'alma, naquele dia:

- José Maria tem a quem puxar, tal pai, tal filho!

- A diferença é que meu filho é aficionado por futebol!

- Nunca bateu uma bolinha?

- Adolescente joguei muito em campo de várzea, mas tive que trabalhar cedo para sobreviver. Os negócios absorveram minha juventude e minha mocidade. E, você?

- Patrão, a minha mãe era superprotetora e religiosa outro tanto, quando chegávamos em casa estropiados, sujos, com sangramento em alguma parte do corpo, ela ficava aterrorizada, dizia que futebol é violento e não é coisa de Deus, portanto, evitou quanto pode, eu e meus irmãos entrarmos num campo de várzea. Com o tempo nos acostumamos com suas admoestações e ideias... – de repente, no meio da conversa de Lubião, fomos surpreendidos por 2 rapazes, trabalhadores da fazenda que Zé da Onça tinha mandado embora recente, com pistolas cutucando as nossas costas:

- A casa caiu Dom Patinhas! Sovina miserável! Velho canguinha! Explorador de trabalhador! Queremos dinheiro, muito dinheiro, senão... – enquanto os bandidos vomitavam improperios, imprecações, ameaças de morte, éramos empurrados para dentro da casa-sede.

Os rapazes estavam violentos, já na casa, Lubião recebeu uma coronhada, amarraram-lhe os pés e as mãos e amordaçaram-no. Empurram-me no sofá quase em cima de “Cindy”, aí, eles começaram uma sessão de tortura com tapas e socos no meu rosto e abdome. Mesmo na agressão, eu percebi que a tortura deles tinha limite: preservar a



minha lucidez e o bom senso. Eles não queriam que eu perdesse a consciência enquanto eu não satisfizesse suas extorsões, usurpações, mas satisfeitos, o meu fim seria a morte.

A situação estava ficando séria, na casa do sem jeito, eles queriam joias e dinheiro em “cash”. Nunca gostei de aplicar em joias, portanto, não tenho joias, nem o dinheiro que eles pediam, então, ofereci-lhes o dinheiro que eu tinha disponível, um pouco mais de R\$ 2 000,00 (dois mil reais), eles reagiram:

- Queremos dinheiro, não esmolos, cadê a chave do cofre?
- Não tenho cofre! – eu levei mais um tapa no rosto e mais uma ameaça:
- Vamos lhe dar 1 minuto para entregar o cofre e a chave, senão... – não aguentei:
- Vão fazer o quê!?
- Vamos lhe matar e esse negro aí!
- Ele não tem nada a ver!
- Velho, se enxerga!... Somos idiotas pra deixar testemunha?

Fiquei desesperado, pois pressenti que aqueles animais poderiam mesmo matar Lubião, não que ele fosse reagir com violência, é uma pessoa do bem e evangélica. José Maria o contratou mais pela confiança que tinha nele como pessoa do que pela sua avantajada compleição física, embora todos pensassem que me servia de guarda-costas, deixamos que isso parecesse verdade, era conveniente para mim e a tranquilidade de José Maria.

Quando eles me deram 1 minuto para entregar o cofre e a chave, e a consciência que não tinha nem cofre nem chave, roguei para todos os santos dos céus e aqueles que não estão nos céus para que me ajudassem e ao negro Lubião. Se a casa de Zé da Onça fosse vizinha da casa-sede, poderia arriscar um grito de socorro, mas sua casa fica a uns 50 m de distância, na casa do em jeito, eu investi, novamente, no diálogo, para ganhar tempo ou algum milagre acontecesse, com esforço lhes falei:

- Eu não tenho cofre. Porém, posso providenciar outra forma de resgate, se vocês nos deixarem vivos!

- Como assim!?

- Dou-lhes um cheque com a quantia pedida, enquanto um de vocês vai à cidade descontar o valor no banco; o outro, nos manterá como reféns, então?

- Kkkkk... voltando-se para o outro comparsa:

- Marquinhos, ouviu a proposta de Dom Patinhas? - Kkkkk... – ele pensa que somos Mané – de novo para mim:

- Velho, nós somos bocós!? Banco só conhecemos a faixa, se 2 bacurais se apresentarem lá com cheque gordo, antes do gerente pagar, ele vai telefonar para os homens da lei. Que outra forma de resgate?

- Posso telefonar?

- Para quem?

- José Maria!

- Ok! – quando o celular chamou, o comparsa negociador o arrebatou da minha mão, eu ouvi a voz de José Maria do outro lado da linha:

- Uma hora dessa... pai!?

- Doutor, não é seu pai, é o Negro Zé!

- Negro Zé!?!... Fique meu pai!?

- Seu pai e seu guarda-costas estão bem, depois... é o senhor... que decide!

- Fique meu pai? Quero falar com ele!

- Prontamente! – entregou o celular e exigiu-me que o colocasse em “viva-voz”:

- Oi, José Maria!

- O senhor está bem? E, Lubião?

- Bem?... Estamos com 2 pistolas 45 apontadas para nossas cabeças...

- Calma... tudo vai dar certo... passe o celular para o Negro Zé!

- Sou todo seu, doutor!

- Rapaz, o que você quer?

- Eu e Marquinhos, queremos reparação social!

- Eu não entendi...

- É fácil doutor: os ricos constroem suas fortunas explorando os trabalhadores, logo, de quando em vez, eles devem restituir um pouquinho, duma forma ou doutra, enfim, somos justiceiros sociais!

- Não concordo! Nossos bens foram adquiridos com muito trabalho e economia. Porém... nessas condições... qual o tamanho dessa “reparação social”?

- Meio milhão de reais!

- Você está doido rapaz?

- Não, doutor, estamos lúcidos...

- Olhe rapaz, não dispomos dessa fortuna. Se formos levantar esse dinheiro no banco, o gerente vai esmiuçar a finalidade, na suspeição de extorsão, sequestro, a polícia entrará em campo! Você quer a polícia nessa história?

- Doutor, antes da polícia chegar ou Zé da Onça, eu mato seu pai e esse negro que está espichado aqui no chão!

- Vocês serão presos ou, mortos!

- Nós não temos medo da morte nem de prisão, doutor! Aliás, nós já passamos por vários sistemas prisionais, só no “Complexo da Mata Escura”, ficamos hospedados por 8 anos e fugimos de lá há 2 anos. Fomos presos com base nos artigos do Código Penal: 155, 157 e 171, portanto, essa conversinha não me assusta. Vai providenciar o dinheiro ou não?

- Olhe, tenho no meu cofre particular, R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), é o dinheiro que posso lhe dar sem precisar de banco. Que tal?

- Tudo bem, doutor! Porém, não faça nenhuma gracinha... Eu vou lhe dar 30 min para o senhor entregar o dinheiro ao meu mensageiro na Praça “X”. Quando o senhor chegar lá, ligue para seu pai e lhe darei as características do mensageiro. Ok?

- Ok!

Foram 30 minutos infinitos de angústia e desespero. Eles estavam nervosos. O tal de Marquinhos, mais perverso e mais desconfiado, colocava em dúvida Zé Maria entregar o dinheiro ao mensageiro indicado, sem antes entrar em contato com a polícia, ele pressentia malogro na negociação, o comparsa o advertiu:

- Deixa ver Marquinhos... Eu espero que o doutor cumpra sua palavra, senão, muito sangue vai lavar este chão!

Faltavam alguns segundos para findar o tempo combinado quando o meu celular tocou, o Negro Zé adiantou-se em atender, era José Maria:

- O dinheiro foi entregue ao seu mensageiro, ele está de calça jeans, camisa polo de mangas compridas, boné branco, negro, cabelos lisos, 1,80 m de altura, aproximadamente, de prenome Kleber. Agora, soltem meu pai e Lubião!

- Doutor, já lhe dei essas informações, esqueceu?

- Não!

- Então!?

- Você não me falou de Kleber, não foi?

- Desculpe-me! Porém, falta o principal...

- O quê?

- Kleber confirmar o pagamento!

- Fiz minha parte, rapaz! – e, completou:

- Com o pagamento, solte o meu pai e Lubião. Foi o combinado!

- Mais uns minutinhos, paciência doutor!...

As coisas pareciam estar no fim, José Maria já tinha feito o resgate, faltava o comparsa da cidade confirmar o pagamento. A noite já passava de 2 horas do outro dia, o tempo corria. O negro Lubião continuava amordaçado, manietado e estirado no piso da sala e Marquinhos lhe vigiando. Eu, sentado no sofá com “Cindy” ao meu lado. O Negro Zé, com a pistola engatilhada, ia e voltava na mesma ”linha” num movimento nervoso e irritante. Ele esperava que seu companheiro da cidade confirmasse o pagamento para que fossemos soltos, segundo seu compromisso com José Maria.

A sabedoria do povo diz: “Quando o Diabo não vem, manda seu secretário”, lá pra 2:30 h, o tal do Kleber não tinha ainda confirmado o resgate, o Negro Zé telefonava, telefonava e, o que se ouvia: “Deixe o seu recado...”, ambos os bandidos estavam no limite dos nervos, quando ouvimos umas pisadas, um movimento, no entorno da casa, não dava pra perceber (todos com os nervos à flor da pele), se eram pisadas de animais ou de gente, aí, numa atitude destrambelhada, desesperada, Lubião dá uma pezada com a ponta dos pés no seu algoz Marquinhos, que o desequilibrou e ele foi ao chão, soergueu-se como uma fera:

- Vagabundo, vai morrer! – com a pistola em punho, ele apertou o gatilho... quando... uma voz cavernosa, uma fala gutural, voz de horror, vinda de um “Cindy” quadruplicado e irreconhecível:

- Aqui, não mais haverá derramamento de sangue!!! – continuou:

- Seu pai matou pra roubar o antigo dono desta fazenda, agora, você não vai repetir o feito!!! - a voz do gato saía tenebrosa e as chispas que saíam dos seus olhos tornavam o ambiente mais iluminado, o gato preto mais preto, ali estava o agente do além... A arma do bandido “pisou”, não saiu nenhum tiro e a arma do seu comparsa Negro Zé teve desempenho igual. Impulsivamente, o bandido Marquinhos lançou-se com peixeira em cima do gato, mas o felino com velocidade dum raio, deu uma mordedura no seu punho e um puxão pelo braço que ele caiu em cima dos móveis com faca e tudo gritando de dor.

De repente, a casa-sede ficou às escuras, blackout quase total, a única iluminação eram os olhos-faíscas (a luz de um celular) de “Cindy”.

Os marginais manietados nas costas, Lubião livre da mordança e amarras, eu, petrificado no sofá e o gato com velocidade dum raio se reproduzia, simultaneamente, nos quatro cantos da sala. Todos estávamos com medo, porém, os marginais estavam

apavorados e aterrorizados. O nosso medo era diferente, tínhamos medo do que pudesse acontecer depois, medo do gato, ao mesmo tempo, sentíamos a sensação de liberdade que não mais iríamos morrer nas mãos dos facínoras. Quando fazíamos essas conjeturas, uma voz lá fora quer saber se estamos sãos e salvos (o gato em forma de bola de fogo, sempre com velocidade dum raio, desaparece no infinito), então, nós fizemos das tripas coração e abrimos a porta da casa.

- Parabéns senhores pela prisão desses marginais. Belíssimo trabalho! – elogiou-me e ao negro Lubião, o insigne tenente Nilson França.

Soubemos depois dos passos da operação policial administrada pelo meu filho: entregou o dinheiro ao marginal Kleber, a polícia o flagrou, ao tempo que uma guarnição com 3 soldados, um cabo e o tenente Nilson França saíram da cidade pra fazenda “Tronco do Jequitibá”, aqui, ele acionou Zé da Onça e seus homens.

## 9

### O e-mail

Uma semana depois da prisão dos marginais Marquinhos, Negro Zé e Kleber, eu recebi do diretor de um conhecido sistema prisional da Bahia, um e-mail parabenizando-me e ao negro Lubião, pela prisão desses marginais. O e-mail narra com minúcias o grau de periculosidade de cada malfeitor e o tempo que eles devem ficar atrás das grades. O e-mail finda com o significado relevante da prisão desses indivíduos para o bem-estar da família e da sociedade.

Lubião ficou todo arredio, argumentou que não merecia das autoridades policiais esse e-mail cheio de elogios, que tinha ficado manietado e amordaçado o tempo todo, que tinha sido salvo e não salvado ninguém, portanto, se fosse para elogiar alguém, o gato “Cindy” seria o repositório desses encômios. O gato que foi usado por algum demônio ou algum ser do além para operar o bem e vencer o mal.

Compreendo a atitude de Lubião, sua fé o impede de sustentar qualquer argumento que não seja embasado na verdade, se solidarizasse com aquele documento enviado pela autoridade de segurança pública, ele estaria endossando uma mentira, coisa de foro íntimo, logo, seu conflito em mentir socialmente ou dizer a verdade nua e crua. Por isto, eu tive que lhe abrir a mente, que deixasse de piegas, de carolice, usasse o bom senso:

- Quem vai acreditar nessa história de gato justiceiro do além, Lubião?
  - Patrão, eu não sei mentir!
  - Mas, não queira explicar o inexplicável!
  - Como assim?
  - O que aparenta tem mais significado que o fato. A vida é um mistério... O juízo de valor da sociedade é pelo que ver, não pelo que conhece, por isto, aceite o que o outro acredita. Já pensou na reação de todos se fossemos contar a história absurda daquele gato? Seríamos taxados de malucos! Quer que as pessoas coloquem em dúvida sua sanidade mental, vida afora?
  - Não!...
- Ficou o dito pelo não dito.

### Explicando o inexplicável

Depois que a poeira baixou, quando não se falava mais no episódio dos bandidos presos na fazenda “Tronco do Jequitibá”, episódio que repercutiu até na capital baiana, mais calmo e arrefecido os ímpetos éticos e morais do negro Lubião, fui pesquisar com os antigos moradores e antigos donos de fazendas circunvizinhas, o crime que o gato referiu-se em sua intervenção, naquela noite: “... aqui, não mais haverá derramamento de sangue”, “... seu pai matou pra roubar o antigo dono desta fazenda, agora, você não vai repetir o feito”.

Não foi um trabalho fácil, os caboclos são arredios, desconfiados, cismados, enfim, eles não gostam de revolver o passado, não gostam que estranhos penetrem em sua intimidade, principalmente, quando esse estranho é “Dom Patinhas” que tem fama de sovina, pão duro, “não dar ponto sem nó”, e, sabido nos negócios. Logo, não foi fácil eu desconstruí essas impressões que pessoas de má fé e invejosas construíram, dolosamente, ao longo do tempo.

Pouco e pouco, fui juntando aqui, ali e acolá, a história do gato sobre o crime do antigo dono da fazenda “Tronco do Jequitibá”, há 30 anos. De maneira alinhavada, apressada, mas certo que os fatos contados pelos caboclos, posseiros e fazendeiros são verdadeiros.

Descobri que o antigo dono da “Tronco do Jequitibá” se chamava Zé Nick, um negro com quase 2 m de altura e forte compleição física. Zé Nick teve um “affair” com a mãe de Marquinhos, o amásio soube da traição, inconformado, mas sem prova, sem flagrante, ele chamou o pai de Negro Zé, com duplo objetivo: surrar o próspero fazendeiro e roubar seu dinheiro, que segundo as más línguas, Zé Nick guardava seu dinheiro no colchão da cama. A surra não foi dada, a vítima era muito forte, porém, durante o entrevero o pai de Negro Zé aproveitou o descuido do fazendeiro e deu-lhe uma facada no coração.

Os criminosos morreram na penitenciária baiana da “Mata Escura”. As viúvas se dispersaram pelo mundo. Depois de alguns anos, os meninos de ontem se reencontraram em homens de hoje, e formaram uma dupla de homicidas e latrocidias inescrupulosos.

Certamente, foi Zé Nick que nos livrou de morrer naquela noite.

## 11

### Cindy de Delos

Depois do episódio daquela noite, “Cindy” passou mais ou menos uma semana sumido, mas depois do passamento de Maria, sua dona e protetora, seu sumiço não é novidade, ele some e aparece, quando menos o esperamos. Quando ele voltou, naquela manhã, Helena não fez mais estardalhaço, não me gritou como antes para avisar sua chegada, pois fui eu que dei fé de sua volta.

“Cindy” é uma corruptela de “Cinto”, um monte grego da ilha de Delos. Lá no monte sagrado de Delos, nasceram os gêmeos Apolo e Ártemis, filhos de Júpiter, o rei dos deuses. Ártemis também é conhecida pelo nome de Cintia. Quando o escrevemos com “y” no início do nome, ou seja, “Cindy”, é o diminutivo do inglês “Cynthia”, “Cintia” do latim, portanto, “Cindy” é rico na origem e na variação etimológica.

Também, observei que “Cindy” é uma mistura de gênero masculino e feminino. Quando de origem de “Cinto”, o monte da ilha de Delos, ele tem forma masculina, mas se origina de Ártemis, conhecida por “Cíntia” e do inglês “Cynthia” que são palavras de forma feminina. Logo, “Cindy” é um gato e uma gata ao mesmo tempo. Juro de pés juntos, amigo leitor, que nunca observei sua genitália, mesmo porque o mantive distante

desde Maria, depois que ele foi usado por alguém do além para salvar-me e ao negro Lubião, percebi que o gato ou a gata é um ser diferenciado e deve ser hermafrodito.

Naquela manhã, “Cindy” chegou chegando, todo desconfiado, alegrou-se quando o chamei pelo nome para espichar-se no sofá, mas, antes, dei-lhe uma tigela de leite com farelos de biscoito. Pareceu-me que estava com fome, tanto que tive que repetir o leite e o biscoito, barriga cheia, ele espichou-se em cima do sofá com intimidade.

Depois de “Cindy” tranquilo, espontâneo, estirado no sofá, arrisquei lhe fazer cócegas com a ponta dos dedos. No início, ele resistiu, mas pouco e pouco, deixou-se fazer carinho com prazer. Aí, o cutuquei:

- Cindy, que é de sua “mãe” Maria? - ele ou ela rolou com denguiço, tive sensações extra-sensoriais, então, veio-me no pensamento:

“José Maria, estou aqui, eu sou Maria Villena Avilez, sua irmã, nunca te deixei...”  
Eu tremi de medo.

### Eu estou sozinho, mas não solitário

A recomendação do meu médico para que passasse uns dias fora dos negócios e longe dos fumos sociais, começou a surtir efeito, antes, eu vivia casmurro, acabrunhado e arredio socialmente, agora, as coisas começam a entrar no eixo: eu estou sozinho, mas não solitário. Aqui, na fazenda, não existe gente ilustrada e educada como na cidade, é gente simples, pessoas ignorantes em muitas coisas, algumas analfabetas de pai, mãe e madrinha de apresentar, porém, são pessoas autênticas, verdadeiras, principalmente, quando elas adquirem intimidade com as pessoas socialmente e economicamente superiores.

Lubião não é má pessoa, cumpre bem seu papel de “babá”, é prestativo, tem iniciativa, não é necessário que lhe lembre de sua obrigação, aonde eu vou, ele vai atrás, “cuida de mim”, porém, não é um negro espontâneo, de riso solto, extrovertido, de fácil conversação com os camaradas da fazenda, seu lazer principal é ler a Bíblia, quando em vez, ele discute futebol e amenidades com os outros empregados. No início de nossa estada, o pessoal quis cismá-lo, tive que intervir e convencer Zé da Onça (o líder da



turma), que não era afetação do negro, mas próprio de sua natureza a prosa curta. Para alegrá-lo, pedi a José Maria que trouxesse a esposa (os filhos estão espalhados em outros estados) de Lubião, para que ela passasse os finais de semana com o marido.

Antes de vim passar esses dias na fazenda, eu sofria com isolamento e solidão, a vida tinha perdido o significado e com a morte de Maria, a situação agravou-se, não me harmonizava interiormente, os conflitos existenciais eram constantes, minha autoestima ficou lá embaixo, sozinho no meio da multidão, os eventos eram mais compromissos sociais do que de prazer, não me conseguia encontrar intimamente, mas ser encontrado pelos outros.

Quando eu solicitei ao meu médico um tratamento profilático, com remédios para tratamento das minhas perturbações mentais, ele foi contra, sabiamente, sugeriu uma terapia ocupacional mais por prazer do que por obrigação e o exílio voluntário e temporário na fazenda foi indicado.

Hoje, estou sozinho na fazenda, mas não solitário, harmonizei-me comigo e com todos, estou feliz e deixo os outros felizes.

No capítulo anterior, encerrei com a expressão: “... estou feliz e deixo os outros felizes”. Amigo leitor, observe que não usei a frase: “... eu sou feliz e deixo os outros felizes”. Entendo que a felicidade é um estado d`alma, logo, a felicidade não é um bem-estar definitivo, perene. A felicidade é como a fé, temos que procurá-la, deixar que ele penetre em nossa consciência, em nosso âmago, propiciar meios e condições para que tenhamos momentos de felicidade.

Quando deixei a cidade e as decisões comerciais com José Maria e vir para fazenda, fiz acreditando que, aqui, eu teria descanso mental e paz. Os invejosos, aqueles que têm receitas prontas para vida alheia, sugeriram-me que fizesse uma viagem turística com itinerário predeterminado, paradas e visitas aos centros culturais famosos, balneários, hotéis de enésimas estrelas e cidades culturais e turísticas: - Frankfurt,

Mônaco, Roma, Xangai, Nova York, Londres, Hong Kong, Cingapura e outras cidades turísticas, teria lazer e paz, todavia, optei pela “Tronco do Jequitibá”.

As más línguas aludiram economia de gasto, a minha estada na “Tronco do Jequitibá”. Juro, leitor amigo, que embora tenha fama de sovina, de pão-duro, em nenhum momento pensei diminuir despesa para alcançar o meu bem-estar, notadamente, que a fé, a felicidade e a paz não se encontram nas gôndolas dos supermercados. Se encontrássemos esses produtos enlatados nas prateleiras das bodegas, dos empórios, dos supermercados, das farmácias, ninguém sofreria de solidão, ansiedade, angústia, síndrome do pânico, baixa autoestima, ou, depressão, o mal do Século XXI.

Conheço a maioria dessas cidades que me recomendaram, não a passeio, mas a trabalho, lá como aqui, têm pessoas solitárias e infelizes, pior, pessoas reprimidas que camuflam seus sentimentos para não serem estigmatizadas socialmente. Lá encontrei homens e mulheres se prostituindo não por prazer, mas para sobreviver. Lá como aqui, têm pessoas amarguradas, desesperadas, criminosos com sérias patologias, potenciais suicidas, enfim, aqui como lá, existe momento de vida feliz e infeliz.

Claro, que aqui na fazenda não encontrei o remédio para todos os meus males e jamais o encontrarei, pois aonde vai o homem, leva consigo a dor e o prazer, ou melhor, onde ele está, está o princípio epicurista de alegria e sofrimento, o significado da vida é harmonizar essas sensações contrárias. A sabedoria popular diz: “não há bem que sempre dure e mal que nunca se acabe”, ou, o provérbio: “depois da tempestade, vem a bonança”. O certo é que o homem não é feliz o tempo todo, mas certa parte do tempo, até os princípios religiosos são embasados em céu e inferno, ou seja, o bem e o mal.

Aqui na fazenda, procedo como se dono não fosse, eu deixo a administração por conta de José Maria, os problemas cotidianos por conta de Zé da Onça, salvo, se o problema for grave e exige uma ação imediata, na ausência do meu filho, na casa do sem jeito, nada me impede resolvê-lo.

Quando acordo, o Sol ainda no nascedouro, depois dum frugal café matinal, eu e Lubião nos embrenhamos nas roças de cacau ou nos pastos (5 hectares) piquetados com menos de uma dúzia de cabeças bovinas ou numa horta nos fundos da casa com área de pouco mais duma tarefa. Não faz muito tempo, Zé da Onça escalou alguns homens para plantio de cacau num boqueirão de mata, no lado leste da fazenda, fui vê-los plantando mudas de cacau nos primeiros dias, porém, achei o trabalho grosseiro, sem muita ciência, sem criatividade, ensaiei com um cavador de dupla face, plantar algumas mudas de cacau, mas, não fui muito bem, aí, deixei os camaradas trabalharem em paz.

Divirto-me ordenhar as vacas com a máquina de ordenha. Os animais não “escondem” o leite, poderiam retê-lo, assim como nós retemos o nosso mijo, quando o lugar ou a ocasião não é própria, no entanto, quando as mangueiras com os terminais são encaixadas nas tetas das vacas, o leite flui para o vaso com facilidade. Na fazenda “Tronco do Jequitibá”, não temos muitas vacas leiteiras, a produção de leite é pequena, atende mais à demanda doméstica e pouquíssimos trabalhadores de fazendas vizinhas.

Porém, meu lazer principal é cuidar da horta que não fica muito longe da sede numa área aproximada de 1,5 tarefa. Essa horta foi ideia de Maria, ela escolheu a área, mandou cercá-la com arame farpado para que animal não a penetrasse, fez as leiras, declivou os regos para drenar o excesso de água de chuva, comprou as sementes e plantou. A horta está cheia de legumes, hortaliças e frutas: coentro, cebolinha, batata-doce, alface, almeirão, taioba, repolho, couve-flor, alcachofra, brócolis, pepino, quiabo, pimentão, tomate, jilós, mandioca, cenoura, abóbora, melancia, beterraba, etc., etc.

Enfim, aqui na fazenda, eu não encontrei remédio para todos os meus males existenciais, porém, tenho momentos felizes que não teria, certamente, em terras além-mar.

Escolhi esses dois personagens bíblicos como símbolos de riqueza e pobreza. Zaqueu o coletor de impostos, publicano, que prometeu a Jesus Cristo, vender a metade dos seus bens e distribuir com os pobres e, ainda prometeu que se tivesse fraudado alguém, ressarciria a fraude quadruplicada. Lázaro, o pobre na casa do rico que recolhia as migalhas que caíam da mesa para se alimentar.

Algum leitor apressado, poderá questionar o que tem alhos com bugalhos? Ou seja, meus problemas existenciais, meu refúgio temporário na fazenda “Tronco do Jequitibá”, com as parábolas da Bíblia? Então, peço-lhe paciência, amigo leitor, para justificar, a seguir, o porquê do capítulo: “Zaqueu e Lázaro”.

É que, encontrei de repente, Lubião e Zé da Onça discutindo sobre a riqueza e a pobreza. O primeiro, embasado na fé; o segundo, de modo mais prático, defendia a importância recíproca de um para outro na vida. Zé da Onça lhe explicava que se um dispõe de capital; o outro, tem a força de trabalho, portanto, juntando o capital e o

trabalho, o homem é o agente da História. Claro, que Zé da Onça não possui linguajar técnico, erudito, mas possui a vivência e o discernimento da vida.

Sem querer querendo, sem ser chamado, escutei a maior parte da conversa dos meus empregados, quando entrei de supetão na casa do marido de Helena, fiz-me de boneca para ganhar retalho:

- Vocês conversam sobre futebol?

- Não, estamos discutindo sobre rico e pobre, o papel de cada na sociedade. Lubião sustenta que Jesus advertiu: “De fato, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma se agulha, do que um rico entra no Reino de Deus”. Eu não sei nada de religião, fui à igreja duas vezes: quando meu pai me levou pra batizar e, quando me casei com Helena. Apenas, sei que se não fosse o rico, o pobre não tinha dinheiro para criar seus filhos e sustentar sua família, concorda comigo? – assenti com a cabeça e esperei Lubião lhe responder:

- Pois é, patrão, Zé da Onça distorce o nosso raciocínio, quis lhe dizer que não vale a pena acumular muitos bens, um dia iremos partir, e os bens ficam aí para que a família usufrua, às vezes, os herdeiros são os genros e as noras que irão usufruir mais do que os filhos e a esposa. Lembrei-lhe do rico insensato: “Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e até recolherei todas as minhas novidades, e meus bens. E direi a minha alma: alma tens em depósito muitos bens para muitos anos, descansa, come, bebe e folga”. O Senhor lhe respondeu: “Louco, esta noite pedirão tua alma, o que tens preparado, para quem será?” Portanto, quis lhe dizer que, aqui, estamos de passagem, a luta desenfreada para ficar cada vez mais rico, é insensatez! – Zé da Onça insiste:

Na Bíblia tem uma passagem, não sei onde, desconheço o capítulo e o versículo, que diz: “Não cairá uma folha da árvore que não seja com o consentimento de Deus”. Logo, amigo Lubião, o rico é um predestinado, é rico porque Deus lhe deu riqueza. Concorda?

- Não! Deus deixou o livre arbítrio, o homem é dono de sua vontade, se a coisa mais importante na vida de uma pessoa é ganhar dinheiro, é seu foco, ficar rico é sua meta, bastará agarrar-se às oportunidades. Porém, condenáveis são os métodos, se sua fortuna foi adquirida através do trabalho, ele será abençoado! – intrometi-me:

- Meus amigos, vocês estão certos. Respeito o ponto de vista de cada um, a riqueza é uma dádiva de Deus: “Honra ao Senhor com os teus bens e, com as primícias de toda a tua renda”, se o homem não cumpre este mandamento, “não é rico para com Deus”. A parábola do rico insensato, ele preocupou-se em acumular bens, e não honrou o Pai. Eu

não tenho vergonha de ser rico, sou rico pelo trabalho e economia. Agarrei com unhas e dentes todas as oportunidades que tive, porém, nunca roubei ou ludibriei alguém, não fiz a minha felicidade com a infelicidade do outro. Não farei como Zaqueu, não sou hipócrita, não vou vender a metade dos meus bens e distribuir com os pobres, mas, devolverei o valor quadruplicado, daquele que conspurquei, defraudei, roubei ou matei. Além disto, minhas empresas são responsáveis pela sobrevivência direta e indireta de mais ou menos 1500 pessoas, logo, não me preocupo em acumular, mas, gerar postos de trabalho para mais pessoas que não tiveram a mesma que tive ou, não tiveram competência e determinação para ganhar dinheiro. A minha preocupação social é diferente da preocupação social de Zaqueu, a minha preocupação social não é distribuir esmolas! – Zé da Onça aproveitou:

- Tá vendo, Lubião, que a riqueza em si não é má, o rico que é mau ou bom. O pobre, também, pode ser bom ou mau

- Acho que você tem razão. Eu fui sempre preconceituoso com a riqueza por convicção religiosa errada. Depois de nossa discussão, eu aprendi que a riqueza é ruim se não estiver a serviço do bem, da promoção social do homem. Obrigado Lubião pelas lições e desculpe-me patrão, pois, o senhor não é um sovina miserável, um acumulador de bens, como muita gente pensa, mas uma pessoa preocupada com o bem-estar daqueles que trabalham em suas empresas. Doravante, terei um novo olhar sobre os ricos!

Chegamos ao consenso. Creio que Lubião, doravante, não terá a visão ortodoxa de antes.

### A colheita de cacau

Estimado leitor, antes de lhe contar essa experiência rica e significativa que é a colheita de cacau e o conseqüente beneficiamento para chegar às indústrias e aos mercados consumidores, quero lhe dizer que a esposa de Lubião deixou de visita-lo aos finais de semana e veio morar na fazenda por intercessão de José Maria e o consentimento de Lubião. Quando meu filho me fez a proposta, inicialmente, resisti, porém, ele argumentou que o negro andava muito estranho e a vinda permanente de sua mulher o

deixaria feliz. Designei-lhes pra morar, uma casa vazia próximo à casa-sede. Helena, a mulher de Zé da Onça, continuaria cozinhando, cuidando de minha roupa e a limpeza da casa.

O negro Lubião, agora, andava “livre, leve e solto”, por isto, naquela manhã do mês de setembro, aceitei o convite de Zé da Onça para acompanhar a colheita de cacau. Conhecia, “an passant” o processo, como empresário, sempre me preocupei com a produtividade, não com detalhes da colheita, a “Tronco do Jequitibá” produz em média 33,3 arrobas por hectares, isto é, em 65 hectares produtivas, a produção anual da safra é um pouco mais de 2000 arrobas, afora, a colheita “temporão” e a “catagem”.

Pela manhã, ainda cedo, eu, Lubião, Zé da Onça, camaradas e trabalhadores temporários, fomos pra roças de cacau (manjar dos deuses), todos os trabalhadores levavam podões afiados, facões, panacuns e caixas para o transporte das amêndoas, pois as “cascas” de cacau ficam amontoadas (pequenos montículos), que depois de apodrecerem, com o tempo, elas são reintegradas ao solo. Só se corta o fruto maduro, não se mistura o fruto verde com o fruto maduro, senão, compromete o processo de fermentação das amêndoas e, na secagem, as amêndoas ficam diferentes, conseqüentemente, o produto fica de menor qualidade para o mercado.

Zé da Onça explicou-me, ainda, que o colhedor tem de cortar o pedúnculo do cacau com muita habilidade de modo que sua base não fique comprometida para futuras flores. O cacau ao alcance da mão do colhedor, é cortado com facão, não manualmente, o procedimento tem por objetivo não ferir as almofadas florais.

Quis saber, também do meu gerente, os detalhes do beneficiamento, ou seja, o processo de armazenamento das amêndoas revestidas de polpa e a secagem:

- Zé, eu sei que as amêndoas frescas são colocadas em cochos para fermentação. Mas, por quanto tempo?

- Seis ou sete dias. Neste tempo, as amêndoas não são revolvidas, diariamente, como na secagem. A polpa é transformada em líquido (mel de cacau), que passa por fendas ou orifícios feitos no fundo dos cochos. O processo se completa quando a fermentação escoar toda a polpa das amêndoas, aí, as amêndoas são colocadas nas barcaças ou balcões para secagem!

- É fácil assim, Zé?

- O cuidado é no controle da temperatura!

- Como assim?

- Os cochos têm que ser abrigados das chuvas e dos ventos, para que tenhamos o controle da temperatura, evitar a queda brusca de temperatura é o macete, por isto, os cochos são cobertos com folhas de bananeiras ou saco de aniagem. Patrão, o processo de fermentação alcóolica da polpa, por causa do açúcar, pode atingir a temperatura de 500°C!

- Tudo isso, Zé?

- A temperatura é alta na fermentação, patrão!

- No processo de secagem não há segredo, né?

- Sim! Todos que moram em regiões cacaeiras, sabem que as amêndoas despulpadas são colocadas nas barcaças ou balcões apropriados e revolvidas, diariamente, com o calor de 35°C do Sol. Hoje, no tempo chuvoso, as fazendas bem instaladas possuem estufas para secar o cacau, assim, não se compromete a qualidade do produto. Porém, o operador tem que ter o cuidado de não torrar as amêndoas. Patrão, soube que em alguns países produtores de cacau, as amêndoas são lavadas em máquinas centrífugas para tirar as impurezas e depois secadas...

Naquela manhã, entendi o princípio universal de Paulo Freire, que ensinamos e aprendemos com o outro, ou seja, o saber não é privilégio exclusivo dos doutos, mas de todos os homens, todos os saberes têm seu significado.

Eu quis dar, a priori, o título deste capítulo de “After All”, que significaria entre outras coisas: “depois de tudo, eu aprendi colher cacau”, “depois que disse Zé da Onça, não pensarei mais somente em arrobas de cacau, mas em sua qualidade”. Eu quis dar, também, o título: “The After”. Todavia, o escritor não faz a história, ele conta a história. Os personagens se movem independentes, eles não se sujeitam ao escritor, o escritor que se sujeita aos fatos e, à verdade nua e crua. Por isto, dei-lhe o nome certo, conforme o que ocorreu naquela noite de terror.

Depois daquele dia, quase fatídico, que eu e Lubião ficamos algumas horas sob a mira de 2 pistolas 45, mandei reforçar a minha segurança com grades de ferro nas janelas e portas da casa-sede, câmaras que monitoram e gravam com iluminadores infravermelhos embutidos que, à noite, “enxergam” até 100 m de distância, com

capacidade zoom de 22x para localizar objetos, além disto, uma sirene eletrônica de alta potência, enfim, um bunker eletrônico no campo.

Às 2:30 h do dia seguinte à colheita de cacau, a chuva começou a cair torrencialmente, os relâmpagos iluminavam as vidraças de portas e janelas, os trovões estrondavam não muito longe, blackout total, a cobertura de zinco do celeiro vibrava com zoadas estranhas devido a força do vento, ouvia-se de longe o chiar das dobradiças da cancela de entrada da fazenda. Tupã, o cachorro guardião da casa, latia ferozmente, enquanto a basset “Jéssica” grunhia apavorada. Ouvia-se longe o touro berrar no curral, as vacas mugiam intranquilas, o portão da pocilga foi destravado e os porcos embrenharam nas roças de cacau. Naquela noite, o canto estridente do galo e fora do tempo, não anunciou um novo dia, mas que algo estava diferente.

De repente, ouviu-se longe a voz de uma senhorinha, antiga moradora da fazenda, na escuridão da noite, gritar várias vezes:

- Vai para trás Satanás! Vai para trás Satanás! Vai para trás Satanás! – logo depois, ela parou de gritar e ouviu-se como se o tombo de um corpo.

A chuva torrencial diminuiu paulatinamente, não mais chovia grosso, agora, era chuvisco, como um grande regador utilizado por São Pedro. O Sol ainda não tinha dado a cara, mas a claridade lusco-fusco do dia, pouco e pouco, despontava. As pessoas ainda permaneciam embaixo dos lençóis. Certamente, os camaradas não iriam colher cacau naquele dia, pois os cacaueiros deveriam estar encharcados e os caminhos de roça atoleiros.

Às 5:30 h da manhã, levantei-me a custo com as vozes difusas dos trabalhadores, quando eu olhei o monitor de segurança, vi um movimento de gente surpresa e sobressaltada, apressei-me levantar de uma vez e saber dos moradores o que havia acontecido.

Nenhum artista da História das Artes, pintou algo tão lúgubre e tão funesto, não que lhe faltasse talento, inspiração, todavia, os mestres das belas-artes gostavam de retratar o belo, jamais, eles retrataram coisas soturnas e sinistras. Quando olhei o corpo da sinhá Maria (uma octogenária, pensionista do marido que trabalhou na “Tronco do Jequitibá” desde o primeiro dono), causou-me asco, náusea, porque o rosto estava completamente ensanguentado e 2 buracos simétricos na jugular.

O corpo de sinhá Maria estava visivelmente macerado. Além da marca dos dentes caninos, o “bicho” que fez aquele estrago, deixou também a marca superficial dos



incisivos no pescoço da anciã. Na minha idade, nunca tinha visto coisa igual e jamais quero ver depois.

Algum tempo depois, o delegado, o médico legista, enfermeiros e investigadores fizeram o levantamento cadavérico e outras providências. Despachei Lubião à cidade para providenciar, depois da liberação do corpo, o velório e o sepultamento de sinhá Maria pela melhor funerária e, fretasse um ônibus para levar quem quisesse despedir-se da velha.

Antes de entrar na caminhonete, rumo à cidade, para providenciar as minhas ordens, ele foi taxativo:

- Patrão, foi Cindy, cuidado! - estremei de medo, contemporizei:

- Que ideia fixa com Cindy, Lubião? Pela envergadura dos ferimentos, pode ter sido um morcego-vampiro!

- Cuidado, patrão!

- Cindy é uma criatura do bem... Não estamos vivos?

- Até quando, patrão?...

17

O Diabo

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele” (Apocalipse 12:9)

Pedi ao negro Lubião que não comentasse com ninguém aquele absurdo, senão, seria um pandemônio na fazenda e o gato seria perseguido e sacrificado. Médiuns, padres, pastores, exorcistas, rabinos e embusteiros não faltariam para analisar o fenômeno, além disto, dei-lhe minha palavra que Cindy passou a noite estirado em seu puff retangular, portanto, impossível de ter sido o gato preto dos olhos verdes pelo passamento da velha.

Porém, fiquei preocupado quando Lubião, na porta da caminhonete, inquiriu-me me: “Até quando, patrão?” Eu menti quando lhe disse que Cindy passou a noite dormindo em seu puff, aliás, não o fiz propositadamente, é que não me lembro se ele estava ou não em casa naquela noite. A chuva grossa, os ventos, os relâmpagos, os trovões e o blackout temporário foram suficientes para não pensar noutra coisa, senão, rezar para que houvesse bom tempo.

A morte da velha não deveria ter sido Cindy culpado, aliás, desde o episódio dos latrocidas, eu vinha refletindo sobre as coisas do além, nascido numa família católica, mesmo que minha fé não fosse àquela de criança, não acredito que espíritos de pessoas que tinham morrido, voltassem para perturbar os vivos, ou seja, eu não acredito em reencarnação, encosto e manifestações de espíritos bons ou maus. Pelos ensinamentos dos meus pais católicos e as promessas de Jesus Cristo, lógico será acreditar na ressurreição e não na reencarnação.

Uma consulta à Bíblia, eu fundamentei as minhas convicções, não foi Zé Nick que nos salvou através de Cindy nem o “bicho” que matou sinhá Maria, mas o Diabo, Satanás e seus anjos, os responsáveis por tudo que tinha ocorrido de estranho e absurdo nesses dias na fazenda, os animais, apenas, foram usados como instrumentos do mal.

Em Apocalipse (12:9), afirma: “... o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele”. O Diabo é o pai da mentira, às vezes, Ele engana os incautos com boas ações só para lhes arrebatar suas almas e arrebanhar seguidores. A fé consiste em resistir-Lhe: “Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós”.

Depois que passar o presságio de coisas más e os moradores esquecerem da morte estranha, suspeita, da moradora octogenária sinhá Maria da fazenda “Tronco do Jequitibá”, pretendo promover uma celebração, uma cerimônia religiosa ecumênica com padre, pastor, rabino, Babalorixá, médium, não sei se esses líderes da fé, aceitarão o meu convite para subirem no mesmo tablado, porém, lhes convencerei com o argumento da suspeição de fenômenos estranhos e ausência lógica.

Após uma semana do sepultamento da velha moradora, as atividades da fazenda voltaram à normalidade, a maioria atribuiu o sinistro ao morcego-vampiro, aliás, já tinha havido um precedente com um cachorro há anos. Lubião era o único empregado que ainda se mantinha reservado, reticente, quando alguém puxava esse assunto, ele não falava, resmungava, ninguém entendia seus grunhidos, as más línguas diziam que o negro ficou tão apavorado quando viu o corpo da velha Maria que se borrou e mijou-se de medo. Eu tive que intervir, mais uma vez, com as atitudes anormais do negro:

- Não se pode mudar os costumes e as crenças dessa gente, da noite para o dia, Lubião!

- Não sou obrigado acreditar em superstição, em bobagem!

- Cada povo tem sua verdade, sua cultura, não o subestime... – acrescentei:

- Aprendi que os grandes conquistadores da História respeitavam as tradições, os costumes, as superstições, os fetiches, as crenças e os valores morais e intelectuais dos seus conquistados, assim, eles consolidavam sua vitória e seu domínio. Já leu Alexandre da Macedônia ou Napoleão Bonaparte?

- Não!!! – ríspido.

Não quis tecer mais comentários com Lubião sobre sua conduta reservada, antissocial, qualquer pressão poderia transformar a “Tronco do Jequitibá”, num “garimpo” espiritual, até o Diabo seria importunado. A única coisa que faria, seria rezar, seguir o conselho bíblico: “Sujeitai-vos, pois, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós”

18

## O Natal

Pela primeira vez, eu passo o Natal na fazenda “Tronco do Jequitibá, pois é uma festa mais da cidade. Antes, com Maria e José Maria, gostávamos de vir, aqui, para as festas juninas: 13 de junho, Santo Antônio; 24 de junho, São João e 29 de junho, São Pedro, isto, pela proximidade da cidade. Nessa época, lá se vão mais de 15 anos, quem mais gostava de nossa estada na fazenda, durante o mês de junho, era José Maria.

Naquele tempo, devido às atividades empresariais, não ficava na fazenda o tempo todo, minha irmã e meu filho ficavam, aqui, a maior parte do mês de junho e não ficavam mais, devido sua escola.

Naquela época, eu trazia para fazenda mestre de dança junina, várias caixas com fogos de São João e, Maria que os distribuía com as crianças. A comida e o licor eram fartos. Nunca quis aparecer como Papai Noel, ria com o apodo de sovina, ela que se beneficiava com o título dado pelos roceiros de “mãe dos pobres”, que lhe gratificava.

Neste ano, quis fazer com José Maria e sem Maria, um grande Natal, para variar, meu filho ficou encarregado de comprar e distribuir os presentes natalinos para criançada e para os adultos. Ele mandou fazer uma roupa de papai-noel, à moda natalina, barba branca e barriga avolumada postiças, botas, saco de presentes e apoiado por Lubião, saíram de casa em casa, distribuindo os presentes.

Como a safra de cacau deste ano de 2014, já tinha sido vendida às empresas exportadoras, o armazém da fazenda passou por limpeza, retoques de pedreiro, serviço de carpinteiro e pintura para as festas natalinas, além disto, José Maria instalou um presépio em que os personagens bíblicos são movidos por eletricidade, os meninos e os adultos ficaram curiosos e maravilhados.

Após meia noite, depois da Missa do Galo (um padre veio da cidade para celebrar na fazenda), os comes e os bebes foram servidos **in self service**, crianças, adolescentes e adultos tiveram boa conduta. Gente simples, não letrada, mas educada.

Acho que Maria participou de tudo, porque Cindy prostrou-se numa cadeira e seus olhos verdes percorriam cada convidado.

Uma visita inesperada. A Iyálorixá Possidônia, sem ser chamada ou agendada, de repente, veio visitar-me, ainda cedo, eu acredito que não passava das 8:00 horas do dia. Não sozinha, com a mãe-de-santo, vieram duas moças bonitas, que pelas vestes brancas, pelos colares e pulseiras de contas, os ojás, os singuês, os cordões, as saias, as camisas de mulata, as roupas enfeitadas de rendas e bordados Richelieu, deveriam ser, seguramente, as filhas de santo da Iyálorixá Possidônia. Não me fiz de cerimonioso ou afetado, abri caminho para que elas entrassem e tomassem assento nos sofás da sala. Teria que receber bem a mãe-de-santo da mesma forma que eu e Lubião fomos tratados em seu terreiro. Ela não poupou unguentos, passes e boas maneiras quando lá estivemos, portanto, gratidão chama gratidão, não se paga o bem com o mal nem o mal com o mal.

A negra Possidônia não é tão negra assim, a negra não é de se jogar fora, ela ainda dá pro o caldo, ainda é moça, o problema é que sua crença lhe impede de qualquer leviandade, sua conduta é admirada pelos trabalhadores e fazendeiros. Ela não é conhecida além dos limites da região do cacau, não é conhecida como mãe Rosa ou a Menininha do Gantois, porém, parece que é competente em seu ofício e muitos acreditam que seus mistérios espirituais ultrapassam em muito essas famosas mães-de-santo.

Porém, minha subconsciência cutucava minha consciência que a negra Possidônia deveria ter outras pretensões além da visita, depois dum café com aipim, cuscuz, inhame,

leite recém tirado do úbere da vaca, pão de forma e, as macumbeiras, fartas e refasteladas, a Iyálorixá disse pra que veio:

- Senhor José Maria, as chuvas torrenciais e os ventos que caíram recente em nossa região, a natureza fez estrago em casas, currais, armazéns, na lavoura de cacau... Lá no meu caramanchão não foi diferente, a força do vento fez grande estrago, por isto, vim lhe pedir ajuda, para arrumar o barracão!

- Qual o custo da reforma? – o anfitrião, deu lugar ao empresário.

- Não sei!

- Quanto é minha ajuda?

- Bem... eu gostaria... mesmo... é que... – desembuche, senhora!

- Bem... eu gostaria que sua construtora fizesse o serviço!

- Acha que é fácil deslocar pra roça a construtora?

- Desculpe-me!

- Então, como posso ajudar?

- O senhor que sabe...

Observei sua dificuldade de fazer a reforma no caramanchão, por isto, designei Lubião que empreitou o serviço com os profissionais da construção civil, comprou material, acompanhou, “pari passu” a reforma, pouco mais de 45 dias, o caramanchão ficou outro.

Surpreendi-me com a lisura da Iyálorixá: ela devolveu-me cada centavo, 2 meses depois, ainda gratificou Lubião.

Na roça, as más línguas gozaram que a negra Possidônia me enfeitiçou com suas benzedeiras e eu meti a mão no bolso...

Post Scriptum:

Leitor amigo, as minhas preocupações com o financiamento do caramanchão da candomblezeira (assim, o caboclo a chama), esqueci-me do mais importante na visita de Possidônia: Cindy não tirava os olhos da negra, aonde ela ia, os olhos iam atrás, tanta insistência que a chamou a atenção, num gesto de carinho, ela foi lhe acariciar, mas o gato rosnou diferente, então, ela o olhou firme e disse qualquer coisa que não entendi e o gato escafedeu-se!

Conclusão: A Iyálorixá Possidônia deve ser um de seus anjos que o Diabo espalhou nesse mundo de meu Deus.

## Noite de Terror 2

Quero deixar claro para os “apressadinhos” que o Zé Nick da minha narrativa não é o mesmo Zé Nick criminoso desalmado das histórias do cacau do Sul da Bahia que matava seu desafeto na noite anterior e chorava no dia seguinte no seu velório e que pediu pra morrer com seu próprio punhal depois de machadadas lhe dadas por detrás de um algoz, que o negro tinha o “corpo fechado” e, a crença popular dizia que era o único jeito dele morrer. O Zé Nick, antigo dono da fazenda “Tronco do Jequitibá”, segundo os relatos dos seus contemporâneos, era homem de bem, um dos seus únicos defeitos se é defeito, era gostar demais de rabo de saia e foi um rabo de saia proibido que o levou ao cemitério com um pouco menos de 45 anos de vida. Porém, não tenho certeza que eles não eram parentes, talvez, um primo longe.

A motivação do crime de Zé Nick, certamente, foi seu affair com a mãe do bandido Marquinhos, mas o pai do Negro Zé, foi o criminoso, ele aproveitou a oportunidade para roubar seu dinheiro, que segundo o falatório, Zé Nick o guardava no colchão de sua cama. A morte do fazendeiro gerou revolta e os assassinos foram parar na penitenciária do “Complexo da Mata Escura”.

Os meses que passei na fazenda “Tronco do Jequitibá”, contribuíram para tornar-me um homem tolerante, simpático, de autocontrole, perseverante, portanto, mais uma noite de terror na fazenda não me faria perder o equilíbrio emocional imediato, porque o espírito do bem de Zé Nick estava por detrás de todas as pantomimas que ocorreram naquela segunda noite de terror. Portanto, a priori, peço licença ao leitor para lhe dizer que não sou espírita e não sei se acredito em espiritismo, todavia, os fenômenos que ocorrem aqui, são cada vez mais estranhos, que eu acredite ou não, não são coisas desse mundo.

Nasci numa família católica, embora não seja um católico praticante, os princípios cristãos estão arraigados em mim pela educação doméstica que tive dos meus pais. Pela educação religiosa que recebi, custa-me acreditar em reencarnação, a morte encerra nossa

passagem neste mundo. A parábola do homem rico e Lázaro reforça meu entendimento, lá diz com clareza que é grande o fosso que há entre o céu e o homem: "... E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte, que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá", por isto, cabe ao homem do Hades confiar na promessa de Jesus Cristo e aguardar a ressurreição.

Porém, por mais que rejeitemos certas ideias, temos que nos abrir e buscar respostas para certos fenômenos extra-sensoriais se não quisermos passar por ignorantes e preconceituosos porque são fenômenos aceitos pela fé, não, pela lógica da ciência. A morte brutal de sinhá Maria, o ocorrido comigo e Lubião, quando quase perdemos a vida sob a mira das pistolas de Negro Zé e Marquinhos, se não fosse o gato Cindy incorporado, o desfecho seria outro.

Os parapsicólogos defendem que esses fenômenos paranormais são forças energéticas do nosso subconsciente, nós, inconscientemente os produzimos, particularmente, não acredito que o homem possua energia suficiente para produzir os movimentos que o gato Cindy produziu para desarmar os bandidos Marquinhos e Negro Zé.

Depois do último Natal, sem Maria e com José Maria de papai-noel, vivi mais uma noite de terror na "Tronco do Jequitibá". Fui dormir cedo, não passava das 20 horas, espichei-me no sofá (gostava mais do sofá do que da cama), desliguei a televisão, deixei o ambiente lusco-fusco e veio-me o sono...

Não me lembro o horário que mexi os olhos, lembro-me que fazia muito frio numa noite de verão, puxei a cobertura, cobri-me dos pés à cabeça nem o nariz deixei de fora, percebi o vaivém de alguém na cozinha, depois na sala, no quarto, conversando baixo como se reclamasse a falta de alguma coisa, passava junto ao sofá, mas não encostava, num gesto temerário, desci a cobertura até os olhos e vi um negro alto, ainda moço, paletó caqui, relógio de pulso, botas de cano e esporas que ia de lá pra cá e daqui pra lá. Ignorou-me o tempo todo, como se eu não estivesse ali, eu compreendi que ele procurava algo e não o encontrou, por isto, resmungava tanto.

Mesmo com frio intenso, o suor escorria pela espinha dorsal, por mais que me controlasse tive medo e pavor o tempo todo, embora o fantasma não me incomodasse. A situação é aflitiva, os nervos ficam em frangalhos, às vezes, pensava que estava sonhado, pesadelo, mas cutucava-me e estava acordado. A visagem não ia embora, seus resmungos não paravam nem seu vaivém, percebi que o fantasma estava aflitivo, não me lembro

quanto tempo levou em minha casa, aliás, o tempo é infinito quando não é prazeroso, diria que o fantasma passou um tempo infinito.

Alguém já disse: “... quem não tem medo não tem alma”, enquanto estava ouvindo só os toque-toques dos sapatos da visagem, o medo ainda não tinha tomado conta de mim, porém, à medida que o fantasma não se ia, demorava muito, o vaivém que não passava, vê-lo sob a luz lusco-fusco, o medo adentrou sem pedir licença e tomou posse do meu pensamento, do meu corpo. No estertor do medo, lembrei-me da minha mãe que nas noites que os sapos não paravam sua sinfonia de brejo ou, a coruja piava rasgando sua mortalha anunciando a morte de alguém, ela se ajoelhava, pegava seu rosário e com fervor orava:

Pai nosso que estás nos céus / santificado seja o Vosso nome / Venha a nós o Vosso Reino / Seja feita a Vossa vontade...

Ave Maria cheia de graça / O Senhor é convosco / Bendita sois Vós entre as mulheres...

Santa Maria, Mãe de Deus / Rogai por nós pecadores / Agora e na hora da nossa morte. Amém.

Não rezei ajoelhado como minha mãe, mas rezei deitado com as mãos em oração, logo depois, o fantasma se foi sem me pedir licença, não sei pra onde... Juro de pés juntos, coloco minha mão no fogo sem medo de queimar, o negro fantasma não podia ser outro, senão, o negro Zé Nick!

### Segredo

Leitor amigo, preferi deixar em segredo a experiência que tive nessa noite de terror. Essas coisas do além nem todos acreditam, também, não sei se acreditaria se não estivesse lá, se não tivesse passado por essas experiências de espíritos insatisfeitos, ou, desses fenômenos paranormais. Talvez, eu tenha algum grau de mediunidade como dizem os espíritas ou como diz o padre parapsicólogo Óscar Quevedo, que a fonte dessa energia vem do subconsciente e não temos consciência de seu poder, que essa energia é capaz de fazer milagre.



A única pessoa que eu poderia desabafar, seria o negro Lubião, mas ele estava cada vez mais arredio, mais insatisfeito, mais soturno, mesmo com a companhia da mulher, os empregados olhavam-no de esguelha e cumprimentavam-no a contragosto como se estivessem lhe fazendo favor, Zé da Onça era o único que lhe dispensava algum apreço e, por minha causa, alegava.

Não diria como alguns dizem “negro com alma de branco”, mas, direi “negro com alma de negro”, Lubião é correto na obrigação profissional, porém, insensível em ajudar o outro. Não adquiri o apodo de Dom Patinhas por ser insensível ao sofrimento do outro, quando tive oportunidade ajudei muita gente sem ser visto, através de José Maria e Maria, nunca gostei de dar dinheiro a ninguém, sempre gostei de ganhar dinheiro, o dinheiro nem sempre resolve o problema do indivíduo, muitas pessoas carentes precisam melhorar sua autoestima pra ter sucesso na vida, portanto, não podia esperar muito de alguém que tem conhecimento da palavra de Deus e não compreende a dor do próximo.

Custou-me manter o segredo do gato Cindy. Fui obrigado lhe dizer que ele assumiria as consequências do seu fato roto, inclusive, com a perda do seu emprego, exige-lhe fidelidade e, espalharia na fazenda que ele estava endoidecendo e não seria difícil devido ao seu comportamento estranho. Justificava que os bandidos Marquinhos e Negro Zé foram testemunhas, meu contra-argumento é que bandido não tem fé de ofício, não tem credibilidade, além de tão cedo, eles não deixariam o “Complexo da Mata Escura”.

A fazenda deixou-me mais tranquilo, aqui, não tenho a ansiedade da cidade, a preocupação com a minha segurança pessoal, o uso do faro para atrair bons negócios, as negociatas das licitações públicas, onde o corruptor é o gestor público, não o empresário, a preocupação do lucro e a estafa do dia a dia. Hoje, José Maria está em meu lugar, é quem cuida do planejamento das empresas, da logística operacional, receita e despesa anuais, estuda a oscilação do mercado e investe o superávit anual das empresas em bens de capitais ou reinveste esse lucro na holding.

Nem sempre a felicidade é completa, é o absurdo existencial, o homem têm momentos de felicidade, mas não todo tempo, esses meses que estou aqui, aprendi muito com essa gente simples, ordeira e bom caráter, como em todo grupo social, sempre há uma maçã podre no cesto, contudo, na roça a maldade é menor, quando acontece uma conduta maldosa de algum campesino, é rechaçada logo pelo seu grupo social, às vezes, com o comprometimento físico.

Por isso, não tenho compartilhado essas experiências do além com a comunidade campesina, não sei se a loucura é minha ou tudo é realidade. Conforme Lubião, que não é espírita e estuda a palavra do Altíssimo, diuturnamente, o gato Cindy é o agente do Diabo, é um dos seus muitos anjos aqui na terra, responsável por todas essas pantomimas e não Zé Nick, Balduino, Benedito, Simão, ou, quem quer que seja passou daqui pra lá, portanto, a saída é destruir o gato com muita oração e fogo virgem para que o pior não esteja por vir.

O negro está certo? Não sei!...

## 22

### Aculturação

Aprendi que o segredo da boa convivência com os matutos é respeitar suas ideias, suas crenças, seus hábitos, seus costumes e suas tradições, por isto, sempre me dei bem com todos, o apodo de “Dom Patinhas”, aqui, não tem a mesma força maliciosa da gente da cidade. Mesmo nas roças circunvizinhas, quando eu chego, as pessoas simples de todas paragens e idades recebem-me com apreço e benevolência, às vezes, eles fazem-me “Juiz de Paz” das pequenas contendias, também, eu os trato bem, nunca com a empáfia e a distância, que é comum às pessoas ricas.

O segredo da aculturação é o indivíduo adaptar-se ao que já existe no grupo, assimilar sua cultura ao tempo que ele o influencia sem imposição, mas pela conveniência e exemplo. É necessário considerar todos os saberes do grupo, a essência do indivíduo é feita com os elementos da existência, certamente, nasce-se como “tabula rasa”, ao longo do tempo, forma-se no indivíduo, o somatório de ideias, elementos morais, elementos religiosos e elementos intelectuais, ou seja, sua essência é a persona, a pessoa, o papel que ele representa na vida. Conforme Sartre, as nossas ideias são produtos de experiência da vida social, o homem é livre para planejar sua vida.

Por isso, resolvi visitar a benzedeira e burareira Sinhá Candinha, depois da segunda noite de terror, fiquei tão ansioso e pra baixo como antes, dona Helena, mulher de Zé da Onça, sugeriu-me:

- Patrão, é mau-olhado, é encosto pesado, olho gordo, inveja, vá ter com Sinhá Candinha! – evidente que não irei ver Sinhá Candinha interessado em seus dotes de benzedeira, mas pela boa prosa e entender um pouco os mistérios da vida.

Sinhá Candinha é viúva há anos, sua fazendola tem um pouco mais de 30 hectares, é minha vizinha pelo lado Sul da “Tronco do Jequitibá”, já lhe fiz várias propostas pra comprar seu pedaço de terra, mas em vão, ela alegava que ali, conviveu com seu marido por meio século, ali criou seus filhos e só sairia dali quando morresse. Embora sua fazenda seja pequena, é bem tratada, boa aguada, pastos piquetados e cacauzeiros produtivos.

Quando surgiu a Crinipellis Perniciosa, a vassoura de bruxa, rejeitou a orientação dos técnicos da CEPLAC para cortar os cacauzeiros velhos e plantar cacauzeiros híbridos, muitos seguiram essa orientação e deram-se mal. Ela fez o que todos fazem hoje, aplica o fungicida no cacauzeiro, no início da doença, assim, corta-se o mal pela cepa, a seguir, corta-se os galhos afetados pela vassoura de bruxa, junta-os e faz-se uma fogueira, assim, a doença não se espalha.

Naquela manhã, na manhã seguinte e na outra manhã, eu e Lubião fomos à burara de Sinhá Candinha. Não manifestei ao negro a principal intenção da minha visita, depois da segunda visita, ele quis saber, cheio dedos, o motivo daquelas visitas, respondi-lhe que meu interesse maior, seria convencer a velha das vantagens em vender-me sua fazenda não a qualquer aventureiro que ali aparecesse, acho que minha resposta lhe convenceu, pois as três manhãs que lá estivemos, ele foi discreto e foi prosear com um dos filhos da velha que se iniciava nos evangelhos de Jesus Cristo, portanto, Lubião juntou a fome com a vontade de comer, melhor terreno para colocar suas ideias, ele não encontraria em alguns quilômetros quadrados.

Na primeira manhã, conversamos amenidades, a exemplo do preço da arroba de cacau no mercado internacional, a supersafra daquele ano, as doenças da velhice, as dificuldades de encontrar camaradas comprometidos em produzir, não preocupados, preocupados, somente, com os encargos sociais e as novas leis trabalhistas que beneficiam o empregado e penalizam o empregador, etc., etc.

A Sinhá Candinha tem poucas letras, porém, é de uma lucidez de admirar, ela está conectada com a realidade, tanto quanto, um sujeito letrado. Não perde os noticiários de TV, ouve, diuturnamente, as grandes emissoras de rádio do país, é articulada, seu discernimento é melhor do que muitos sabidões. Aprendo mais que ensino com a longeva senhora. Ela é mística, desde cedo lida com as coisas espirituais, acredita que suas rezas e simpatias, afasta mau-olhado, inveja, olho-gordo, cansaço negativo, e todas as outras energias negativas. Naquela manhã, surpreendeu-me quando sem quê nem pra quê, ela perguntou-me:

- Nhô José Maria, Zé Nick ainda vai lá?

- Não entendi, Sinhá Candinha!
- Meu filho, Zé Nick nunca quis largar o osso!
- Continuo sem entender...
- Desculpe-me ioiô José Maria, rabugice...
- Não, Sinhá Candinha, a senhora quis me dizer alguma coisa, diga-me?
- Amanhã...

Certamente, quis gozar do início dos poderes espirituais daquela senhora, simulei os interesses, todavia, não pensei que ela fosse ao cerne dos meus problemas existenciais, contive-me falar da segunda noite de terror, todavia, “a curiosidade matou o gato”, fui curioso, quis absorver novas culturas, repetindo o mestre Machado de Assis: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.”

Não pretendia ir ver de novo a Sinhá Candinha, mas movido pela curiosidade de desvendar Zé Nick, voltei lá mais duas manhãs e ganhei muito espiritualmente e, em sabedoria popular.

Na manhã seguinte, ela explicou-me que Zé Nick tinha sido avaro até o dia de morrer, que não era uma pessoa má, no entanto, muito apegado às coisas materiais, isto o levou a morrer matado pelos pais de Negro Zé e Marquinhos, era sabido que ele escondia o dinheiro dentro do colchão feito de lã barriguda. Nunca deixou sua fazenda, do além, mete o bedelho, de quando em vez, alguém viu seu espírito fazendo pantomimas. Ela ainda discorreu sobre a necessidade de “higienizar” a casa-sede com plantas energéticas e banhos de descarrego para que os encostos espirituais procurem outro lugar.

Como “higienizar”? Entendi que a velha quis dizer limpeza energética da casa-sede, mas não sabia por onde começar, por isto, voltei lá mais uma vez movido por esse interesse espiritual.

Encontrei uma Sinhá Candinha mística e de poucas palavras, não me perguntou nada, ela ordenou o tempo todo. Eu fui levado para um quarto iluminado por velas coloridas e cheio de imagens de santo, lembro-me bem de Santa Bárbara, São Jorge e Cosme Damião como destaques, em seguida, fez-me repousar numa poltrona reclinada e benzeu-me com um feixe de ervas: arruda, espada de São Jorge, guiné, comigo-ninguém-pode, alecrim e manjeriço, não medi o tempo que ela passou com suas rezas no relógio do homem, medi-o no relógio da vida e Sinhá Candinha levou um tempo sem fim.

Depois das benzedadeiras, ela entregou-me uma toalha branca como neve e indicou-me uma banheira com mais ou menos uns 15 litros de água morna com sal grosso

dissolvido, banheiro iluminado de velas brancas e um cheiro forte de incenso, não sei quantos minutos passei lá, sei que tirei uma madorna e fui acordado com os seus toques na porta.

Findo as duas sessões de descarrego espiritual, ela garantiu que nenhum encosto espiritual não mais se aproximaria de mim, além de xô mau-olhado, xô inveja, xô olho-gordo, xô baixo-astral, xô estresse e xô todas as energias negativas.

Na saída, mais descontraída e menos mística, ofereceu-me dois vasos trabalhados com plantas de arruda e espada-de-São Jorge para que fossem colocados na minha sala de entrada. Mas, o costume do cachimbo deixa a boca torta, balbuciei a indiscrição: “quanto custou seu serviço?” ela, delicada e compreensiva:

- Deixe estar, homem!...

23

Escusas

Estimado leitor, peço-lhe que aceite o meu pedido de desculpa pelo ato impensado com a benzedeira, é que vivemos num mundo que tudo é pago: o homem paga pra nascer, o homem paga pra viver e o homem paga pra morrer. Por isto, fui indelicado com a Sinhá Candinha pela força do hábito, como empresário, tudo gira em torno de valores, de dinheiro, quando não é para pagar, é para receber, porém, eu refleti depois que muitas coisas não custam nada para o homem, a exemplo da luz solar, da influência da lua, das chuvas, das estrelas do firmamento, das florestas, dos rios, dos mares, dos oceanos, dos montes, das serras, dos ventos, enfim, Deus lhe deu o mundo, não lhe vendeu, não lhe exigiu, Ele lhe pediu, apenas, fidelidade. Usando a sabedoria evangélica de Lubião: “Deus é Pai, não é padrasto”.

Não sei se as rezas e os descarregos espirituais da burareira irão resolver meus problemas existenciais, mas se bem eles não fizerem, também não me farão mal, é coisa de cabeça, porém, eu acredito que a energia move o mundo, ela está em todos lugares, em lugares mais e noutros menos e a mente humana é um dos principais catalizadores, ela a absorve e a direciona seus efeitos. Para mim, os vasos de arruda e espada-de-São Jorge que me foram dados, irão energizar ou repelir as energias negativas em minha casa, porque, eu acredito que essas plantas têm capacidade energética, já Lubião não acredita,

portanto, sua mente não as observe, ela não produz campos energéticos, suas energias mentais não são estimuladas ou estão direcionadas para outros campos energéticos, às vezes, sem significado existencial.

Irei usar o método de Francis Bacon das experiências, através de experiências energéticas, in loco, concluirei se essas energias foram positivas ou negativas, negar-lhes a priori jamais, isto é ignorância.

Considera-se também que é um processo de aculturação: grupos sociais diferentes absorvendo crenças, costumes e práticas existenciais diferentes. O meu mundo é diferente do mundo de Sinhá Candinha, o meu pensamento é positivo, material, as minhas ideias fluem no desejo de acumular, o meu “deus” é o dinheiro, enquanto seu pensamento foi formado nas atividades espirituais e superstições, a exemplo disto, é que vive e prefere morrer na mesma burara que o marido fez ao longo dos anos, sem nenhuma ambição que não seja viver ali em paz.

Os vasos de arruda e espada-de-São Jorge que ela me deu, não sei se farão o efeito desejado, acredito que se eu manifestar o mesmo grau de fé da velha burareira, essas energias irão repelir as forças negativas que rondam a casa-sede.

Quando eu vim pra fazenda por recomendação médica para aliviar o estresse e a angústia por excesso de trabalho, não pensei que seria envolvido com coisas do espírito, então, eu descobri que a sabedoria popular é tão importante quanto o conhecimento científico.

Estimado leitor, daqui alguns dias lhe darei a resposta dessas experiências de fé, dessas ilações, se não surtirem o efeito desejado, lhe direi com a mesma franqueza que, hoje, lhe abri o meu coração. Tenho certeza que a crença popular não é vã, pois, elas se baseiam na fé e em resultados experimentais, assim como a ciência, a crença leva anos para se firmar e formar prosélitos.

Parodiando Descartes: o segredo da vida não se embasa na razão pura, mas no bom senso, no equilíbrio prudente do juízo. O sectário enxerga só um lado daquilo que ele vê.

## Halley

Faz alguns dias que não tenho a sensação de angústia, de baixa-autoestima, de fadiga e de estresse. A visagem do negro Zé Nick deixou de perturbar-me, não sei se foram as plantas repelentes de assombração ou, ele foi pra outro lugar com suas pantomimas. Acho que essa paz tem tudo a ver com os vasos de arruda e espada-de-São Jorge que os coloquei em lugares estratégicos em minha casa, todavia, eu já senti essa paz sem essas plantas. A arruda é aromática, seu cheiro penetra no nariz e traz certa sensação de paz para alguns, a espada-de-São Jorge não fede nem cheira, mas suas folhas pontiagudas espetam o espírito das trevas.

Aqui, não tenho ninguém para confiar os meus conflitos existenciais, José Maria aparece de 15 em 15 dias, mesmo assim, dispensa maior parte do tempo no jogo de futebol com os camaradas e convidados da cidade, efetua o pagamento dos camaradas, ele lê o relatório e explica-me a situação das empresas tim por tim, portanto, sobra-nos pouco tempo para amenidades existenciais, além disto, ele não acredita que espíritos andem por aí vagando à toa, pra ele morreu só na ressurreição.

Poderia confiar no negro Lubião, no entanto, ele está cada vez mais esquisito, ninguém gosta dele na fazenda pelo comportamento excêntrico, se não fosse meu empregado alguém já o tinha mandado para as cucuias. Se não fosse sua disponibilidade de acompanhar-me, já o tinha demitido, pois o negro é imprestável fora de suas obrigações contratuais e fanático religioso – não sei se já lhe disse, estimado leitor, mas se não lhe disse, digo-lhe agora: o negro Lubião é igual burro de carroça que usa viseira para não enxergar de lado.

Outra pessoa que poderia confiar seria Dona Helena, porque, ela vive mais aqui em casa nos afazeres domésticos que em sua casa, porém, tem uma língua ferina, não guarda segredo, maledicente, além de entusiasmada com as coisas do além. Ela não se encaixa ao dito popular: “aumenta, mas não inventa” - ela inventa e aumenta. Se caísse

na bobagem de contar-lhe as minhas fraquezas existenciais, poucos depois, o pessoal das fazendas circunvizinhas num raio de 2 Km, comentaria as fofocas em escala exponencial.

Naquela manhã de Sol, que prometia mormaço o dia todo, foi Dona Helena quem me trouxe a notícia, como sempre, de um novo gato preto, companheiro de Cindy, com o nome curioso de Halley, e acrescentou:

- Um estudante que lhe deu o nome de Halley, é que ele aparece de ano em ano e, alguém sabe de onde?...

25

### Semana de mau agouro

A esposa de Lubião morreu repentinamente. Não a conhecia intimamente, além dos cumprimentos de praxe: “Bom dia!”, “Boa tarde!”, “Boa noite!”, “Como vai o senhor?”, “Como vai a senhora?”, isto, quando casualmente nos encontrávamos, olhe que a distância da casa-sede para casa que ela morava não passava de uns 50 m. Nunca soube de nenhuma fofoca ou disse-me-disse de sua mulher.

Eu soube, após os funerais dessa senhora, que, ela não tinha nenhum antecedente de doença do coração. Num dia de muito calor, deu-lhe uma dor intensa no peito e antes de chegar ao hospital, ela veio a óbito nos braços do seu marido. Lubião ficou muito revoltado com os mistérios da vida e da morte (foi a única vez que o vi queixar-se de Deus), não compreendia ou não queria compreender que a nossa vida é como uma chama da vela: nem sempre ela consome todo o espermacete para apagar, mas vai apagar porque sua chama não é para sempre.

Lubião ficou alguns dias de férias com parentes e aderentes, propus lhe transferir para outro setor da holding, porém, ele jurou gratidão e fidelidade, que sua missão ainda não tinha chegado ao fim, que fomos juntos para fazenda e só sairia daqui quando me sentisse plenamente recuperado, além disto, a finada mulher o tinha feito jurar que só

sairia da fazenda quando ele fosse demitido, mesmo assim, iria pedir a mim ou ao meu filho, para que ficasse aqui até que um dos seus filhos viesse lhe buscar, aqui, ela tinha encontrado o sossego e a paz perdidos na cidade. Na casa do sem jeito, aceitei os argumentos do negro Lubião.

Amigo leitor, morte é morte e sempre vai ser morte, porém, peço-lhe paciência para contar um presságio da morte da mulher de Lubião, contado por Dona Helena que é



cheia de crendices populares. Contou-me que uma semana antes dela morrer uma coruja rasga-mortalha, rasgou o pano o tempo todo em cima de sua casa, que no último dia de vida uma borboleta preta pousou em sua janela o dia todo. Acrescentou: “A coruja rasga-mortalha quando “canta” é mau sinal”.

A crendice cultural é forte, veja o exemplo da China, lá o luto é representado por roupa branca e não por roupa preta. Se Dona Helena está certa, não sei, sei que a esposa de Lubião não tinha doença aparente, por isto, não se encaixa na lenda da coruja Suindara que rasga o seu vestido de noiva ao longo dos séculos para punir a consciência da condessa Ruth que a impediu que casasse com o seu filho Ricardo e mandou lhe matar prestes ao casamento.

Gosto e aprendo todos os dias com esses matutos, a superstição é da alma humana, quem não tem superstição não tem alma.

## 26

### Lobisomem

Um indivíduo esquisito, de meia idade, com corpo e cara de impaludismo, cabeludo, orelhas grandes e nariz avantajado, procurou-me a mando do seu patrão para queixar-se de um buraco no canto da cerca de um dos pastos da fazenda “Tronco do Jequitibá”, onde os nossos animais estavam passando para fazenda vizinha. Recebi-o com naturalidade e determinei que Zé da Onça averiguasse a procedência da queixa e solucionasse o problema.

O indivíduo não me chamou especial atenção para seu estado físico, já estou acostumado com a aparência rude e grosseira desses homens que nascem e morrem cuidando da terra braba e inóspita e constroem pomares, hortas caseiras, roças de cacaueros, buraras e grandes fazendas de cacau e gado no Sul da Bahia.

Porém, Dona Helena com sua abelhudice, colocou-me a par, a história desse indivíduo: tratava-se de um trabalhador rural, radicado ali há anos, amancebado com uma negra, seus filhos maiores já tinham levantado voo e os moleques continuavam em sua casa. Porém, o desfecho final de Dona Helena estava por vir: o indivíduo virava lobisomem, às sextas-feiras, nas noites de lua cheia.

Ela jurou de pés juntos que esse indivíduo já tinha sido flagrado várias vezes espojando-se em estábulos ou cocheiras de burros e cavalos saindo de lá lobisomem, que por várias vezes, ele foi perseguido com arma de fogo em encruzilhadas, mas em vão, que, somente, as armas de fogo com balas de prata e o fogo seriam capazes de destruí-lo. E, concluiu:

- Deixe estar, ele ainda será desencantado...

Procurei explicar-lhe que não exista o lobisomem ser físico, mas um ser lendário, mais uma criatura mística da mitologia grega. Aquele homem, talvez, fosse notívago, soturno, taciturno, jamais um homem que se transforma em lobo nas noites de lua cheia, que tudo não passava de mais uma crendice popular como tantas outras de pessoas maledicentes que não tem o que fazer. Disse-lhe ainda que aquele homem tem sofrido muito, que a comunidade campestre lhe tem sido injusta com esse estigma, sua rejeição e o medo das crianças por lobisomem, deixaram-no acabrunhado e esquisito, um modelo do mal.

Não sei se lhe a convenci, mas quem cala consente, Dona Helena não é de ficar calada, portanto, acho que a convenci.

Estimado leitor, talvez pense que a inclusão deste tema em nossa narrativa, seja pra encher linguiça, todavia, não é verdade, lembre-se leitor que na apresentação deste livro, estabeleci “a temática existencial nos moldes kafkianos, Albert Camus e Soren Kierkegaard”, por isto, tenho registrado as situações místicas, os absurdos da existência, onde não há protagonistas principais, mas o estudo de conflitos humanos e os mistérios da vida. A lenda do lobisomem, aqui, é uma realidade da comunidade campestre e não um ser mitológico.

A ciência sempre quis entender porque no homem encerra, concomitante, instintos, impulsos primitivos e razão, ou seja, a capacidade de julgar e avaliar, de construir ou destruir, de promover o bem ou o mal.

Depois da morte de sua esposa, Lubião ficou cada vez mais arredio, cumpria seu horário de trabalho a pulso, mas não tinha a disponibilidade de bater papo como antes, o negro vivia pendurado na Bíblia, dia e noite, acho que pra encontrar respostas aos mistérios da vida e da morte, em qualquer lugar, ele quedava-se e abria o Livro Sagrado e o lia quanto tempo lhe era dispensado. Dona Helena cuidava dos afazeres da casa e cedo ia pra casa, portanto, eu ficava a sós com os meus cachorros, os meus gatos e outros animais, a maior parte do tempo do dia e de noite. Por isto, num dia inesperado, José Maria trouxe para passar uma temporada comigo, uma velha conhecida dos áureos tempos da juventude, Evellin Von Schimitt, para os íntimos, De Beauvoir.

Certamente, José Maria ignora o princípio filosófico de Heráclito: “Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio... pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem!” Tive um grande affair com Evellin quando éramos novos, ela, advogada recém contratada pela empresa; eu, um jovem empresário com saúde pra dar, vender, emprestar e ganância pra ganhar dinheiro. Curtimos muitas noitadas memoráveis, mas tudo tinha ficado no passado e o passado, assim como as águas do rio de Heráclito, o passado não se repete.

Os amigos deram-lhe o nome De Beauvoir porque a nossa relação amorosa era cada um pra si, como Simone e Sartre, não tínhamos compromisso no papel nem na palavra, ela tinha seus casos, eu tinha os meus amores, quando as circunstâncias nos aproximavam, vivíamos intensamente o prazer que de acordo o poeta: “... Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure”.

Evellin é descendente de pais germânicos, nascidos no interior da Alemanha, no final da Segunda Guerra Mundial, eles desembarcaram no Brasil, aqui, tiveram filhos e filhas e construíram um patrimônio razoável, Evellin é um dos filhos mais novos, todos os seus irmãos são profissionais liberados bem sucedidos e os velhos já se foram... Hoje, com os cabelos pintados nos salões de beleza da vida e, o rosto esticado de plásticas, goza seus últimos dias de saúde e vida, aqui, ali e acolá. Agora, tem sua estada na “Tronco do Jequitibá” pelos caprichos de José Maria.

A vida não é mãe, a vida é uma madrasta má que lhe cobra tintim por tintim, a vida não perdoa quem não lhe valoriza, porém, a vida tem que continuar... De Beauvoir foi mulher de muitos homens e poucos amores, uma Valéria Messalina dos tempos modernos: lasciva, dissoluta, libertina e sensual. Dizem as más línguas que fui seu único e verdadeiro amor, dispense essa honraria, amado leitor, pois seria uma nódoa no meu passado de “bon vivant”, que sempre soube separar o prazer da libertinagem. Talvez, eu não tenha sido ético-moral nos negócios (o homem é o lobo do homem -Thomas Hobbes), ninguém o é, fracassa aquele que nas relações comerciais quiser manter seus princípios morais e éticos de família, todavia, nas minhas atividades amorosas, nunca descambei para libertinagem e safadeza.

Quando ela chegou, fui-lhe cavalheiro, pedi que Dona Helena caprichasse na arrumação do quarto de visita, não menos, nos quitutes e iguarias, conheço seus gostos e comidas, sua dieta é leve, pouca caloria, baixo teor glicêmico, verduras, legumes, boas gorduras, massas integrais, proteínas na conta, chá, leite, sucos naturais e frutas. Junto com Dona Helena, passamos um tempão para fechar o cardápio que fizesse jus ao gosto e a saúde de nossa ilustre visita.

Poucas vezes, ela tomou banho na piscina, pediu-me que a levasse nas roças de cacau. Queria conhecer in loco, o trabalho dos camaradas, pedi-lhe que usasse botas de cano alto, calça, blusas de manga comprida e chapéu, fez um muxoxo quando soube que Lubião nos acompanharia, eu já sabia seu desdém por negro, mas fi-lo de propósito, para que sua estada na “Tronco do Jequitibá” fosse curta. Se meu filho pensou que iria render-me aos “encantos” femininos da distinta senhora, ledo engano, talvez, aproveitasse-a para dar curso às minhas pesquisas de existência e morte.

Naquela manhã, De Beauvoir acordou irritadiça, alegou que dormiu mal, além de questionar-me como o empresário de sucesso que conheceu antes, se acomodara viver na mediocridade e monotonia como aquela? Se eu tinha perdido o gosto pela vida? Se eu tinha me refugiado naquele ermo pelo passamento de Maria Villena? Se minhas empresas estavam passando dificuldades financeiras?... Respondi-lhe, que, talvez, tivesse razão, no entanto, estava ali por recomendação médica e livre espontânea vontade, que a monotonia era preenchida com leituras e mais leituras de bons autores nacionais e estrangeiros, que não tinha perdido o gosto pela vida, mas havia adquirido nova visão de vida, que as empresas iam muito bem, que recebia relatórios mensais e comprovantes das aplicações financeiras, etc., etc.

Na manhã seguinte, encontrei De Beauvoir no seu quarto tremendo que só vara verde. Procurei prestar ajuda a minha visita, ela não falava coisa com coisa, suas frases eram entrecortadas com choro e frases desconexas, ela estava visivelmente perturbada, na casa do sem jeito, providenciei chamar Dona Helena e Lubião, quando, assustada, disse-me que não seria necessário, que minha chegada ajudou-lhe arrumar as ideias, pediu-me mais tempo pra dizer o que havia ocorrido, mais calmo, dei-lhe um copo com água e aguardei paciente o esclarecimento De Beauvoir, que veio a seguir, irei transcreve-lo, paciente leitor, “ipsis littere”:

“José Maria, não pense que estou maluca (disse-lhe que não estava), não estou, ontem à noite, quando cheguei seus gatos estavam estirados no sofá. Não gosto de animais misturados comigo, fiz-lhes rapapé e, eles saíram do quarto, o Halley abriu os dentes agressivo, mas foram embora, fechei a porta e fui dormir.

Não me lembro o horário, meu amado amigo, acordei-me com esses gatos “voando” acima de mim, com os dentes arreganhados, cuspidando fogo e com vozes cavernosas, gritei abafado, chorei, esperneei, disse improperios, quando pensei que tudo estava perdido, gritei: - vades retro Satanases! Vades retro seus Diabos! Vades retro, espírito das trevas! Jesus Cristo e Nossa Senhora me socorrem! E orei com corpo e alma, mais alma do que corpo!... Pois, José Maria, acredite-me se quiser, os belzebus desapareceram, quase no momento que você apareceu.”

Procurei suavizar o acontecimento, que não foram os gatos, sim, um grande mal-estar, agravado por ter ralhado com os animais e esse entrevero havia ficado na profundidade de sua mente, com o sono, o seu organismo ejetou aquele incidente indesejável em forma de pesadelo, que os gatos, àquela hora, estavam dormindo espichados no sofá da sala.

Acho... que... não a convenci... De Beauvoir foi embora naquela manhã, não com Lubião (não gosta de negro), mas com um motorista conhecido de Zé da Onça.

## O guriatã

Diferente da maioria das pessoas, eu gosto de usar a piscina ou a praia, à tarde, quando o sol se esconde ou prestes de se esconder. A piscina da fazenda “Tronco do Jequitibá” fica alguns metros da casa-sede. Quando a construí, foram observados todos os requisitos de segurança, principalmente, considerando os meninos da fazenda. A piscina é usada, somente, aos domingos e feriados pelo pessoal da fazenda e pelas visitas. Nesses dias, um dos empregados com remuneração extra, traveste-se de salvas. Eu e José Maria usamos a piscina quando nos dar na telha, isto é, quando o tempo e a vontade são convenientes.

Naquele dia, De Beauvoir de volta pra sua casa pela manhã, eu fui refletir à beira da piscina com “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o que lhe havia ocorrido com os gatos Cindy e Halley, transformados em espíritos do mal. Particularmente, acho que a nossa ilustre visita jantou mais do que devia, ela teve um baita pesadelo com os dois gatos, inclusive, por tê-los enxotados do seu quarto.

Depois da visita que fiz à benzedeira e burareira Sinhá Candinha que prescreveu em sua linguagem rude, pra “fechar o meu corpo”, também minha casa, arruda, espada de São Jorge, guiné, comigo-ninguém-pode, alecrim, manjerição, todas as pantomimas feitas pelos gatos, Zé Nick, talvez Maria, não mais as vi, o território “ficou fechado”...

Não muito distante da piscina há uns pés de jambo que ficam ao lado de duas fileiras paralelas de palmeiras imperiais até à sede da fazenda. Nesse dia, estirado numa poltrona plástica à beira da piscina, fiquei observando por longo tempo o movimento de dois guriatãs. Eles voavam e sobrevoavam os jambeiros, bicavam os jambos maduros, revoavam em disparada e retornavam num sincronismo perfeito.

Porém, chamaram-me atenção, que além dos seus cantos característicos, eles respondiam no mesmo canto um canário que o canto vinha de algum lugar da mata não muito próximo. Eles “discutiram” por longo tempo, algo que só a natureza entende, o canário cada vez mais com seu canto sonoro e os guriatãs imitavam-no com o mesmo tom e melodia, de repente, o canário apareceu no alto de uma palmeira, como atraído pelo canto, lançou um canto melodioso como num chamamento, pouco depois, os guriatãs

saíram das folhagens espessas dos jambeiros e, pousaram na palmeira onde estava o canário, o canário descobriu a “pegadinha” e sumiu na mata.

Deus dota suas criaturas com vários talentos, uns mais, outros menos, eu soube depois, que o guriatã é o único intérprete das florestas. Em 1610, o padre português Jacome Monteiro, escreve ao rei de Portugal: “É o pássaro mais músico de quanto há nesta Província, porque arremeda a todos os mais, e por isso o chamaram de “guiranheenguetá”, que quer dizer pássaro que fala todas as línguas de todos os mais pássaros. São mui prezados. Estes são os que de ordinário se conservam cá em gaiolas”.

As cenas dos guriatãs imitando o canário, bicando as frutas de jambo e o canário vindo da mata à procura de outro canário e, sua decepção que é o outro, não o seu igual, o movimento sincronizado dos pássaros que na revoada não cometem deslizos, não se tocam e atingem o alvo com precisão, os roteiristas cinematográficos de Hollywood, são incapazes de reproduzi-las.

Lembrei-me da minha amiga De Beauvoir que na sua irritação histórica questionou-me: “... Que é de o empresário de sucesso que conheci antes?”, “Se acomodou?”, “Acostumou-se viver na mediocridade e monotonia?”, “Perdeu o gosto pela vida?”, “Refugiou-se, aqui, pelo passamento de Maria Villena?”, “Você está falido?”, etc., etc. Hoje, lhe diria que as coisas continuam como dantes, porém, eu havia adquirido uma nova visão de mundo, que buscava o segredo da existência e da morte. Não me tinha libertado ainda do apego das coisas materiais, no entanto, a minha compreensão do mundo nesses meses havia mudado de água pra vinho.

Procuo entender o absurdo da existência e compreender o significado da morte, é que a morte não tem significado, compreende-se a morte, mas não se aceita. A morte é o cutelo de Deus, o niilismo, a finitude do homem. A vida eterna é uma incógnita, a vida é uma incógnita, a fé a suaviza com a esperança da ressurreição ou da reencarnação. A fé dá esperança ao homem que dia a dia, ele se distancia de Deus e perde a esperança da vida eterna.

Franz Kafka no seu livro “A Metamorfose”, expressou o absurdo da existência quando o caixeiro-viajante Gregor Samsa acorda, um dia, metamorfoseado num enorme inseto. A preocupação de Gregor consistia em trabalhar para sustentar a família, uma vez confinado no seu quarto, mas a vida não tem solução de continuidade, seus parentes foram trabalhar, ele continuou inseto e acomodou-se inseto.

Essa narrativa simboliza as nossas amarras, o limite do ser, Gregor Samsa representa a pequenez do homem, que pode ser rebaixado à escala menor do reino animal,

que não mais anda, rasteja, não mais dispõe da vontade, do livre arbítrio e da liberdade. De Beauvoir não entende que a vida é uma dádiva e um presente de Deus.

A minha amiga sempre teve uma vida libertina, dissoluta, embora tivesse tido uma educação rígida, calvinista, com o tempo, ela cortou o cordão umbilical que a mantinha presa aos princípios morais e religiosos da família.

Por recomendação médica, refugiei-me, voluntariamente, na fazenda “Tronco do Jequitibá” para descansar, livrar-me do estresse, da ansiedade, dos compromissos de negócio, no entanto, defrontei-me com absurdos existenciais inexplicáveis, que a lógica não dá resposta.

Nesta tarde, aprendi com os guriatãs que a vida é movimento, é ação, cujo objetivo maior é sobreviver neste mundo de desiguais e interesses individuais. O talento e o foco fazem a diferença, sobressai-se aquele que se distingue no grupo ou, entre outros grupos. O guriatã com seu canto diverso, é respeitado pelo outro dentro da mata pelo seu talento de intérprete único da natureza.

Estéril é a explicação da vida, sua origem e seu destino último. Feliz, é aquele que sabe cultivar a fé, que acredita que a vida é eterna, que todos nós fomos criados por Deus e sujeitos à vontade divina. O ateu que não aceita o Ser Superior e não consegue explicar o início e o futuro da humanidade, vive em eterno conflito de consciência, pois quando ele nega a existência do Criador, ele o afirma subliminarmente, pelo princípio lógico da contradição.

Kay Hoffman interpretou como ninguém com base na parábola da caverna de Platão do estado do homem:

“... protege uma imagem da prisão que vivem os homens. A prisão corresponde à existência habitual, somos cercados por sombras que nada nos permitem reconhecer, imagens difusas são os modelos para o conhecimento que, por sua vez, depende dos nossos sentidos enganadores – um ponto de partida que não seria bom, se não promulgasse a elevação da alma ao reino das ideias. Só essa elevação possibilita a ascensão e a liberdade”.

Enfim, leitor amigo, o homem é preso às circunstâncias dum conhecimento limitado de sua essência, da vida e do mundo.



Eu já me “acostumei” com Cindy e Halley. Hoje, eu acredito que Cindy foi usado por Zé Nick para nos salvar das garras de Negro Zé e seu comparsa. Não sei se foi este gato que naquela noite lúgubre e sinistra, ele matou Sinhá Maria ou, algum ser estranho, a exemplo dum gigante morcego-vampiro. Porém, na minha ignorância não sei se esses animais têm grandes incisivos para puxar o sangue de um corpo como no caso da velha senhorinha. Quem sabe se não foi algum homem-vampiro da fazenda? Quem sabe se não foi aquele indivíduo com cara de impaludismo que me procurou para consertar um buraco no canto de cerca, que Dona Helena garantiu-me que ele vira lobisomem às sextas-feiras, nas noites de lua cheia? Não faltam suposições sobre esse caso fatídico, faltam provas e os fenômenos absurdos não se explicam, aceitam-se.

Sempre fui cismado com Cindy, Maria é que o tinha chamego: colocava-o no colo, fazia-lhe carinho na barriga, batia cabeça com cabeça, colocava-o no pé da cama sobre um puff para dormir, ele lhe lambia o rosto, ficava no seu colo ronronando e dormia. Já o gato Halley é carinhoso comigo, de quando em vez, flagro-o entre as minhas pernas roçando o rabo e ronronando. Não sou de muito salamaleque com esses animais, entretanto, respondo-lhe aos seus carinhos à medida do possível.

Naquela noite de Sexta-feira da Paixão de Cristo, do ano de 2015, eu não me lembro o mês (acho que em abril) nem a data do dia, somente, que foi mais uma noite de terror.

A chuva fechou o tempo desde cedo, menos das 18 horas, começou relampejar e trovoar, desliguei todas as tomadas, pensei ficar no alpendre, mas o tempo frio poderia contrair um difruço, evoluir para uma gripe forte, até mesmo uma pneumonia, além do medo de ficar sozinho, todos já tinham se recolhido em suas casas, então, aconcheguei-me na minha cama, embaixo dos cobertores pé com cabeça, de quando em vez, os relâmpagos iluminavam o quarto através das vidraças. Na roça, a noite fica mais escura devido às matas, quando o tempo fecha de chuva, o blackout é mais blackout.

Depois de quase 6 horas de chuvas torrenciais, imaginei com os meus botões que as roças da fazenda que ficam na parte baixa estariam com encharcadas, formando grandes alagadiços. Não me preocupei com os animais, pois o curral, a pocilga e o galinheiro ficam em pontos mais elevados. A fauna é enorme, mas esses animais são salvos pelo instinto de sobrevivência.

À 1 hora do dia seguinte, os trovões tinham desaparecido, as chuvas não eram chuvas, mas chuviscos que diminuía cada vez mais que a noite adentrava, pouco tempo depois que cessaram as chuvas, os trovões e os relâmpagos, Tupã e Jéssica começaram latir feio como se eles estivessem enfrentando algo apavorante e foram seguidos por Jéssica e Halley que soltavam miados horripilantes.

No Curral e na pocilga ouvia-se o desconforto dos animais com os mugidos do gado e o guinchar de dor dos porcos. Não debandaram pras roças como doutra vez, porque mandei reforçar com fortes mourões e tábuas parafusadas, correntes e cadeados, a pocilga e o curral. O galinheiro ficou em polvorosa, o galo cantava, fora de hora, triste.

Às 6:00 horas, Zé da Onça tocou a campainha da casa, fui atendê-lo e fui avisado que o vaqueiro não tiraria leite naquele dia, pois estava ajeitando os cacarecos que a água havia feito enorme estrago. O telhado da casa não tinha suportado tanta chuva e algumas peças de madeira cederam. Aceitei as justificativas do empregado e pedi-lhe que fosse mais tarde à casa de Lubião:

- Zé da Onça, procure mais tarde, Lubião, que ele contrate pedreiro e carpinteiro e restaure a casa do vaqueiro! – não demorou nem 2 horas, ele voltou preocupado:

- Patrão, só faltei derrubar a porta, ninguém apareceu, será que ele viajou?

- Impossível! Sem avisar-me?

Não demorou muito, o pior aconteceu: Lubião foi encontrado morto em sua cama. Como morava sozinho, não levantar suspeita dos filhos, chamei a polícia e o médico legista para o levantamento cadavérico e o médico designar a causa (soube-se depois que foi infarto fulminante) da morte e, atestar o atestado de óbito.

José Maria queria fazer o velório na cidade, disse-lhe que o sepultamento sim, mas que o velório teria que ser na fazenda, ali, ele fez alguns amigos naqueles meses, embora tivesse, também, adquirido alguns inimigos gratuitos.

Dois depois do sepultamento do negro Lubião, o tenente Nilson França entregou-me um pedaço de papel que o encontrou em suas roupas com este enunciado:

**“O cometa caiu na ilha de Delos, sua cauda eliminará todos os que conhecem o segredo. Cuidado, patrão!”**

Guardei o pedaço de papel, ainda não decifrei o enigma, eu vou dar tempo ao tempo, quando passar o estresse da perda inesperada dum empregado amigo, irei sentar à beira da piscina num dia de sol, embaixo dum sombreiro, com o Aurélio em mãos, analisar cada palavra para fechar o significado da mensagem cifrada.

É comum em nossa sociedade elogiar o outro quando morre. Não gosto de elogios fáceis, hipócritas, quando algum conhecido morre, peso-lhe as qualidades e os defeitos, se as qualidades tiverem um peso maior, lamento sua morte, se a recíproca for verdadeira, procuro esquecê-lo. O negro Lubião era fiel, responsável, cúmplice, honesto, ético, religioso, porém, o negro era imprestável, escravo do horário, não fazia nada além do combinado só se fosse instigado. Mas pesando os prós e os contras, ele possuía mais prós do que contras, por isto, eu ia sentir a sua falta. Desejo-lhe que descanse em paz!

Naquele dia, refleti muito sobre a vida e a morte. Lubião ficou comigo um tempão antes da chuva torrencial começar. Falamos de alguns projetos, confessei-lhe que o tempo de voltar para cidade estava próximo. Ele falou de sua aposentadoria, que se tudo desse certo, iria num futuro próximo morar com os filhos, mas, enquanto eu precisasse do seu serviço não me deixaria.

Por isso, a existência é um absurdo, desprovida da fé, não encontramos um sentido lógico da vida: o homem nasce, dá um foco em sua vida, realiza alguns projetos, outros não, briga pra ter e não pra ser, amadurece, sofre, às vezes, atinge à velhice e morre aos cuidados de alguém, que lhe amarra as calças e lhe coloca os chinelos, pega-lhe pelo braço e o ajuda caminhar.

Portanto, deixo para o leitor amigo, o pensamento que li em algum lugar sobre o nosso modo de ver a morte:

“Esteja preparado para morrer hoje, mas se for possível, procure viver uma eternidade”.

Mas, na contramão do pensamento acima, o poeta iraniano Omar Khayyam, recomenda que o homem viva o momento, o presente, pois o futuro pertence ao Criador do Universo:

“Não faça planos para amanhã.  
Sabes se poderás terminar a frase que vais dizer?  
Talvez amanhã estejamos tão longe deste albergue,  
como os outros que já se foram há sete mil anos”.

Pessoalmente, não gosto de fazer projetos, planos, deixo a vida me levar, mas como empresário, eu tenho responsabilidade com a sobrevivência de muitas famílias. Se a empresa não projeta, não faz planos de logística, receita e despesa, de produção, de custo, de venda, de escoamento e de renovação, ela perde a capacidade de operar e competir no mercado, o objetivo de toda empresa é crescer e desenvolver para gerar mais emprego.

Enfim, quem tem consciência que o sentido da vida é viver e viver com abundância, que caixão de defunto não tem cofre, que o importante é ser e não ter, que a riqueza tem significado se estiver a serviço do bem, da evolução do homem, que ninguém se realiza se tem a miséria como vizinha.

“O cometa caiu na ilha de Delos, sua cauda eliminará todos os que conhecem o segredo. Cuidado, patrão!”

Dei tempo ao tempo, um mês depois da fatídica noite de terror, casualmente, encontrei na gaveta da cômoda, o pedaço de papel que me foi entregue pelo tenente Nilson França, com a mensagem deixada por Lubião.

Não foi difícil traduzir a mensagem, principalmente, porque, eu “conheço” o segredo. Ele, com seu “Cuidado Patrão!”, quis me alertar do perigo dos gatos Cindy e Halley. Cindy é uma corruptela de “Cinto”, um monte grego da ilha de Delos. Lá no monte sagrado de Delos, isto é, o cometa que caiu em Delos (o gato Halley se juntou ao gato Cindy), e, Halley eliminará com “sua cauda”, todos que conhecem seu segredo.

Não sei se esses gatos são manifestações do bem ou do mal, no episódio de Negro Zé e Marquinhos, o gato Cindy nos salvou a vida. Não sei se foi o gato ou algum

fenômeno parapsicológico que usou seu corpo como instrumento para realização do bem, o gato recebeu a energia de mim ou de Lubião, que tensos, nós a canalizamos para o bem e os bandidos foram presos. Porém, não teve a mesma sorte, a idosa Sinhá Maria.

Embora não acredite muito nessas coisas sobrenaturais, de reencarnação, de espíritos do além, não posso dizer que tudo é falso, que não existe, Shakespeare, sabiamente, disse: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia”. Aqui, na terra, há mistérios nas sombras da vida que a mais arguta inteligência não é capaz de perscrutar.

Pelo sim ou pelo não, irei doravante, ter cuidado com os gatos Cindy e Halley, se eles trucidaram Sinhá Maria e mataram, possivelmente, o negro Lubião, por que não a mim? Faz-se necessário, eu não arriscar e usar o bom senso cartesiano.

31

Johnny

Diz a sabedoria popular que, “um pote quebrado, outro na Cantareira”, assim que Lubião morreu, José Maria apresentou-me um rapaz para substituí-lo no emprego. João Batista dos Santos é o seu nome de batismo, mas todos tratam-no de “Johnny”. Acredito que por sua aparência nórdica: loiro, alto, musculoso e longilíneo, se tivesse sido educado e tivesse tido oportunidade, seria uma boa imagem na Tv e no cinema, Segundo José Maria, Johnny tem 28 anos de idade.

Conversei com José Maria sobre a aparência do substituto de Lubião: argumentei que aquele rapaz simpático, falante, perfumado, “bon vivant” não se acostumaría viver na roça, se embrenhar naquele ermo, longe dos prazeres da cidade, aquele serviço era para pessoa madura, sem muita ambição na vida e, casado pra não morrer de solidão. José Maria justificou:

“Meu pai, Johnny gosta da vida, compartilha com o dizer de Jose Saramago: “A vida é tão bonita que dá uma pena morrer!” Ele, se o senhor permitir, dentro de pouco tempo, vai transformar este lugar triste em lugar alegre e cheio de vida. Ademais, condicionou sua estada aqui, em usar o campo de futebol 2 vezes por semana, afora domingos e feriados, usar a piscina quando lhe der na telha, e uma folga no final de semana de 15 em 15 dias, para tomar banho de cidade... Além disto, ele é solteiro, cuida dos pais idosos,

não bebe, não fuma, e acrescentou 50% a mais do que ganhava o saudoso negro Lubião. Deixei-lhe claro que se o senhor não gostar do seu serviço, se ele negligenciar seu dever, será demitido sem muita conversa. Ele é meu parceiro da baba, mas, eu lhe adverti que o senhor é o patrão. Ele tem um pensamento, que eu gosto, para as pessoas que julgam pela aparência: “O mal das pessoas é que olham só a beleza das plumas do pavão e esquecem de olhar os seus pés”. Portanto, meu pai, conheça-o para depois julgar”.

A mudança foi de água pra vinho, Johnny começou pela limpeza na casa do finado (estava um muquifo), jogou no lixo muitos trastes velhos, consertou algumas peças de móveis, pintou a casa, lavou-a com sabão e “Q-Boa”, trocou o colchão, instalou uma Tv no quarto, um som, e, mudou-se. Significativo foi o antes e o depois, na casa que morou o negro Lubião.

Diferente do finado, Johnny é prestativo, não se limita só às suas obrigações de motorista e “guarda costas”, depois da limpeza de sua casa, ele fez com meu consentimento, mas voluntariamente, uma limpeza de trastes velhos na casa-sede.

José Maria profetizou com acerto, 2 semanas depois, Johnny agregou gente das fazendas vizinhas, enturmou-se com os empregados da fazenda “Tronco do Jequitibá” e o futebol passou para 2 vezes por semana, claro, que fora do horário de trabalho.

Nos dias de futebol, Flamengo ou Vitória, principalmente, ele vem aqui pra casa ou assiste na casa de Zé da Onça. Aos domingos e feriados, ele coloca um som enorme em sua porta, promove um bate-barriga das 18:00h às 22:00h, as moças, os rapazes, os senhores e as senhoras brincam de se fartar! É proibido portar arma e usar bebida alcóolica, findo o forrobodó, ele alerta-lhes: “Amanhã rapaziada, é dia de branco. Boa noite!” – Desliga o som.

Enfim, Johnny com sua juventude, vaidade pessoal e extroversão, mudou o ambiente sombrio, de trabalho rude, manual e sisudo da fazenda, para um ambiente de alegria e vida.

Às primeiras estimativas, cresceram, também, o desempenho e a produtividade dos camaradas.

## Felicidade

“Uma coisa é certa: ficar sentado se sentindo infeliz não vai mudar nada”

(O Menino do Pijama Listrado)

Aqui, na fazenda “Tronco do Jequitibá”, os dias são mais longos. Eu acordo às 5:30 horas, faço o meu breakfast, converso por telefone com José Maria, leio os principais jornais do dia, de quando em quando, vou à cidade, visito alguns vizinhos de fazenda, principalmente, visito Sinhá Candinha e a Iyálorixá Possidônia, esta não se cansa de agradecer-me a reforma que fiz em seu caramanchão que ficou bonito e funcional. Não as visito para fazer consulta religiosa, solução de problemas sobrenaturais, simpatia para solução de algum problema, mas por deferência e amizade. À noite, gosto de assistir na Tv os programas de entrevista, o JN, jogos de futebol, musicais, corridas de F1, e, filmes. Não gosto de novela nem programa de calouro nem programas infantis.

Hoje, acordei e perguntei aos meus botões: “Quanto custa para ser feliz?” e, os meus botões responderam: “Ser feliz!”. Não precisa ser rico ou pobre pra ser feliz, mas perseguir os momentos de felicidade, Deus tem a eternidade. Se alguém atrai para si energia negativa, rabugice, pessimismo, inquietude, egoísmo, mesquinhez, azedume, queixa perene, incompreensão, falta de humor e extroversão, sempre é infeliz.

O exemplo de Johnny contribuiu para produção deste texto. Diferente do finado Lubião que se trancava em seu mundo, não tinha amigos, só inimigos “gratuitos”, trabalhava sem gosto, certamente, não era feliz; ao contrário, Johnny parece ser feliz porque produz felicidade, assim que chegou à fazenda com seu desprendimento e alegria, o ambiente mudou, hoje, ele possui um bocado de amigos e admiradores.

Ninguém é feliz sozinho, alguém é feliz se o outro que está ao seu lado, ele é feliz. A felicidade é um estado d’alma em que o sujeito passa momentos de alegria, de paz, de amor, enfim, de felicidade. O homem desde o início do mundo persegue sua felicidade mais do que sua salvação eterna.

Os povos antigos e as civilizações, a exemplo dos egípcios, dos gregos, dos romanos, dos amoritas, dos fenícios, dos israelitas, dos árabes, etc.; dos menos antigos a exemplo dos germânicos, dos britânicos, dos franceses, dos espanhóis, dos nipônicos, dos americanos etc., o objetivo desses povos era / ou é a hegemonia, a sobrevivência e o caminho da felicidade.

Quando jovem, eu refleti muito sobre o bem e o mal. A felicidade, às vezes, foge de nossa vontade de querer ser feliz, ou seja, as coisas acontecem independente de nossa vontade. Nem sempre a nossa conduta é pautada naquilo que queremos, no livre-arbítrio, em nossa condição de livre escolha. A felicidade não é predeterminada, é construída no dia a dia, nós somos nossas circunstâncias, abrimos este texto com a frase de John Boyne: “Uma coisa é certa: ficar sentado se sentindo infeliz não vai mudar nada”, que corrobora com o nosso pensamento.

Estimado leitor, o livre-arbítrio e o determinismo sempre mexeram com a cabeça dos pensadores. Hoje, ganha fôlego o princípio filosófico do livre-arbítrio, pelo menos para explicar as ações humanas e o maniqueísmo filosófico do bom e do mal, ou seja, o homem, animal racional, possui o livre-arbítrio de escolher Deus ou o Diabo, o certo ou o errado.

Às vezes, o determinismo ganha mais força para justificar o inexplicável, principalmente, junto ao homem simples, é comum alguém dizer: “...foi o destino, Deus quis assim...”, isto é, como se tudo tivesse predeterminado, decerto, é a maneira do homem simples racionalizar o imprevisto.

O determinismo é a teoria do fatalismo, mecanicista, as coisas não acontecem por acaso, tudo tem uma razão a priori de ser.

Embasado nessas observações empíricas e nas diatribes aos princípios deterministas e do livre-arbítrio (determinantes do comportamento humano), é que sugiro aos meus leitores, o “princípio da possibilidade”, decerto, este princípio responderá às mais inexplicáveis questões socioambientais, a reconceituação do bem e do mal, a sorte e o azar, exorciza o destino predestinado e diminui a força do livre arbítrio e foi sistematizado em possibilidades necessárias, contingenciais e reais.

Entendo que a “possibilidade necessária” é a que se impõe por si, não deixa de ser, verdade absoluta. Deus é uma possibilidade essencial, existe por si, mesmo que alguém o negue, o reconhece como ideia lógica que subsiste por si. A “possibilidade



necessária” está na categoria kantiana dos “conceitos puros e fundamentais à unidade dos juízos”.

A “possibilidade contingencial” é de natureza absurda, contingente, que fere as leis da razão e do bom-senso cartesiano - não confundir este princípio com a filosofia existencialista de Kierkegaard, Camus, que questionam os conflitos existenciais do homem com Deus, a morte, enfim, com sua essência. A “possibilidade contingencial” responde às coisas mais imediatas, aos fatos do dia a dia, de natureza improvável, não transcendental, não filosófica, não lógica, não determinista, mas de possibilidades existentes e reais. À guisa de exemplo, estimado leitor, Johnny e José Maria gostam de jogar uma pelada nos finais de semana, aqui na fazenda, nesses momentos, eles sentem-se felizes, contentes, porém, há a possibilidade contingencial e não predeterminada de uma fratura no pé por uma pisada acidental do adversário ou o traumatismo craniano de uma cabeçada.

A “possibilidade real” é quando as condições são reais, as possibilidades socioambientais confluem para um determinado fim, elas dependem, somente, da vontade, do livre-arbítrio do indivíduo, da sua escolha a priori, do seu foco. Também, à guisa de esclarecer a “possibilidade real”, dou-lhe leitor o exemplo: José Maria pelas condições socioambientais que nasceu e cresceu, hoje, é grande empresário, seguiu o pai por livre e espontânea vontade, mas ele poderia ser padre, músico, professor, policial... se o seu foco fosse outro que não empresário.

O provérbio popular que “não existe sorte nem azar, tudo depende do modo de agir”, é um aforismo reducionista do princípio do livre-arbítrio, como se tudo fosse produto da vontade, do que “eu posso”, “eu quero”, que em condições reais, é provável, mas, longe de explicar aquilo que pode ou não pode acontecer, a exemplo das “possibilidades contingenciais”.

Espero que esse princípio teórico das “possibilidades”, responda aos questionamentos de felicidade do homem, que ele não atribua ao destino ou à categoria de fenômenos providenciais o que ocorre independente de sua vontade, mas ao “mundo das possibilidades” que todos nós estamos inseridos. (Este texto sobre a felicidade foi subsidiado pelo “Mundo das Possibilidades”, Cap. IV, páginas 12/14, do ensaio: “O homem nasce para ser feliz”, deste autor).

Leitor amigo, para subsidiar sua leitura, que não existe felicidade absoluta no ser humano, mas, momentos felizes, que o mal não se explica por teorias deterministas nem o bem exclusivamente pela nossa vontade e nossas escolhas, que eu inseri neste texto, o nosso pensamento de antes, há anos de nossa vinda de férias voluntárias à fazenda “Tronco do Jequitibá”.

Porém, leitor amigo, a teoria “Mundo das Possibilidades” serve para explicar certas coisas que ocorrem em nossa vida, inclusive, coisas que parecem predeterminadas, mas, é a força do amor que faz a felicidade.

#### A visita da vidente e benzedeira Sinhá Candinha

“Zé Nick e sua amante, deixem nhô José Maria em paz! Saiam desta casa!”

Foi o que ouvimos perto de casa. Eu e Johnny tínhamos passado um tempão colhendo frutas na chácara para abastecer a minha casa e a dele, quando ouvimos, perto da casa-sede, a determinação imperativa: “Zé Nick e sua amante, deixem nhô José Maria em paz! Saiam desta casa!”. Logo, reconheci de imediato, a voz de Sinhá Candinha e supus que ela ralhava com os gatos Cindy e Halley. Ela estaria fazendo ali o quê? A anciã não arredava o pé de sua fazenda. Com um pigarro pensado, eu anunciei a minha chegada.

Foram abraços efusivos, eu gosto da velha, ela é uma pessoa especial, possui dons extra-sensoriais, porém, o que mais me cativa em Sinhá Candinha, é seu papo inteligente, não obstante ser uma pessoa simples, de poucas letras, mas de caráter irrepreensível. Depois dos abraços e cumprimentos, nela e filhos, quis saber qual a honra de sua visita e iniciei:

- Minha amiga, que honra sua visita! – completei:

- A senhora não arreda o pé da fazenda, que bicho te mordeu, Sinhá Candinha? Ah, entendi: “Se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé!”, por isto, sua vinda...

-Nhô José Maria, vim lhe oferecer uma joia!

-Joia?

- Uma joia que uso há 50 anos, eu irei desfazer-me dela com o coração chorando, Deus sabe...

- Não se aflija Sinhá Candinha... posso lhe ser útil? Se posso, conte comigo!

- Pode, comprando a minha joia!

- Que é de a joia Sinhá Candinha?

- Filho, minha joia não se usa no dedo, mas se estima no coração!

- Estou curioso, minha velha, que joia é essa?

- A minha burara...

- O quê? Não entendi?... Então... por que mudou de ideia?

- Ioiô, a idade se torna cada dia um fardo. Os meus filhos querem ir pra cidade, eles não gostam da roça como gostou seu pai, por isto, pensei lhe dar a preferência. Nhô José Maria ainda tem interesse? – não fui fundo ao posso, eu vesti a capa de empresário:

- Interesse... interesse... eu tenho interesse, porém, não sei se cabe em meu bolso, Sinhá Candinha!

- Deixe de modéstia filho... estou lhe dando a preferência porque gosto de você e lhe estimo mais do que aos outros que todos os dias me aporrinham... além de seu filho ser um baita administrador! Então, qual é sua resposta?... - Não tive resposta, não seria necessário, providenciei os documentos de praxe e numa semana, eu coloquei o preto no branco no cartório da cidade e aumentei a área da fazenda do “Tronco de Jequitibá” em mais 30 hectares.

Não negaceei, não pechinchei o valor da burara, claro que não lhe paguei mais do que me pediu, mas lhe fui justo. Para mim, eu marquei um gol de placa, há anos, tinha o desejo não velado de adquirir esse pedaço de terra, pelo zelo da família Candinha nessas terras, pela aguada e pela produtividade do cacau.

Pedi a José Maria para assessorá-la: ele comprou 2 casas modestas, uma pra ela e outra para os filhos e restou-lhe, ainda, um dinheirinho pra sua poupança na Caixa Econômica Federal pra que a velha se valesse nos momentos não previstos.

## Gatos fujões

“Os gatos viram felinos ferozes para proteger bebês humanos”

Os gatos são animais dóceis assim como os cachorros. Particularmente, não sou chegado a gato nem cachorro, porém, os meus animais, eu os trato bem. Eu acostumei-me com Cindy por causa de Maria e Halley me conquistou pelo chamego. Quando cheguei à fazenda “Tronco do Jequitibá” para minha estada voluntária, Cindy havia sumido, Helena, atribuiu à morte de minha irmã. Halley, o nome lhe foi dado do cometa Halley que aparece e reaparece de 76 em 76 anos. Segundo Dona Helena, um estudante de ciência deu-lhe esse nome porque ele aparece e desaparece de ano em ano.

Cindy e Halley desapareceram há 2 semanas. Seus sumiços começaram me incomodar, não obstante Lubião ter me advertido em um pedaço de papel: “O cometa caiu na ilha de Delos, sua cauda eliminará todos os que conhecem o segredo. Cuidado Patrão!”, continuo acreditando que sua morte não foi provocada pelos gatos Cindy e Halley, mas pelo seu ingrato coração.

A mesma opinião tenho por De Beauvoir. Ela foi embora alegando que os gatos lhe importunaram toda noite, entretanto, acredito que seu mal-estar foi seu grande pesadelo, devido sua gula, é que minha amiga advogada fala pelos cotovelos e come que só monge de mosteiro.

Johnny tranquilizou-me que os gatos estavam brincando ao lado da barcaça no pega-pega aos passarinhos, que não deveriam estar longe. Halley não gostava de sumir?

Halley foi longe e Cindy o acompanhou, que eu ficasse tranquilo, mais dia menos dia, eles apareceriam são e salvos. Se eu o autorizasse, ele iria atrás dos felinos, coisa que não autorizei, pois negligenciaria seus cuidados comigo. Disse-lhe que os gatos para mim são importantes, mas a minha saúde deveria estar em primeiro lugar. Eles foram, eles voltem quando acharem conveniente, porque eu e a casa estaremos à disposição desses felinos sem prejuízo de amizade.

Cindy ou Zé Nick foi importante para mim e Lubião quando Negro Zé e Marquinhos tentaram me extorquir e ameaçaram de morte Lubião. Esse segredo

permanece comigo, pois Lubião não está mais entre nós. Talvez, Negro Zé e Marquinhos presos no “Complexo da Mata Escura”, ainda se lembrem da intervenção sobrenatural que foram vítimas, mas quem iria dar crédito aos 2 bandidos com uma folha gigante de crimes, roubos e maldades? Ninguém!...

Será que o ultimato de Sinhá Candinha (Zé Nick e sua amante, deixem nhô José Maria em paz! Saiam desta casa!), os expulsou de casa? Sinhá Candinha sempre recomendou que eu tivesse cuidado, pois Zé Nick ronda a casa da fazenda desde que foi assassinado pelo pai de Marquinhos. Por isto, eu uso vários sais no banho todas as noites, além de vasos de arruda e espada-de-São Jorge que os coloquei em lugares estratégicos da residência. A arruda é aromática. A espada-de-São Jorge não fede nem cheira, mas suas folhas pontiagudas espetam o espírito das trevas.

Dona Helena é uma pessoa simples, a única que gosta realmente dos gatos, não encontra neles nada além de sua natureza de gato. Ela não os vê como agentes de Zé Nick e sua amante, aliás, não sabe dessas coisas, nunca as soube, nunca lhe falei da má experiência que tive junto com Lubião nas mãos de Marquinhos e Negro Zé, não lhe confio segredo, ela não tem trava na língua.

Não irei atrás de Cindy e Halley, posso estar até em perigo pelo segredo que guardo. Lubião antes de morrer me advertiu sobre o perigo dos gatos, mas estou seguro nas mãos Deus e peço-Lhe todos os dias que me abençoe e guarde, que me livre da maldade humana e dos maus espíritos, que proteja meu filho de olho gordo, da inveja, da violência do dia a dia, dos egoístas, que Deus lhe dê uma boa esposa e, a mim muitos netos, enfim, que Ele lhe proteja da maldade humana.

## Solidariedade

“Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como ... Mas, quando tu deres esmola, não a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mateus 6:1-18)

Assim como o daimon (demônio) de Sócrates, o meu avisa-me, ultimamente, que terei de voltar pra cidade e deixar esta vida bucólica, acho que estou mais aliviado e não curado das ansiedades, dos estresses, da falta de autoestima, da desconfiança no outro e, o desejo irracional de ter sempre e não de ser sempre. Aqui, aprendi costumes diferentes, culturas diferentes, fiz novas amizades e explorei a alma humana. Eu, também, descobri coisas sobrenaturais, mas, aqui como lá, a existência é um mistério que beira ao absurdo. A natureza humana é a mesma, aqui ou na Cochinchina, viver é um exercício perene de desafios, cada pessoa tem sua história de vida, cada pessoa é um problema, cada pessoa sente sua dor, cada um com sua cruz, somos as nossas circunstâncias.

Porém, o absurdo da vida poderá ser amenizado não pela fuga, o sujeito foge do outro, mas não foge de si mesmo que é o outro. Como somos herdeiros da mesma condição humana, isto é, estamos no mesmo barco sobre águas e destinos infinitos, o remédio pra aflição da alma é a solidariedade, a compaixão e o amor, o amor move o mundo. Jesus Cristo fez a revolução do amor, não a revolução do ódio como Maomé. Alguém usa sua filantropia, sua humanidade, sua solidariedade, seu amor, não por ser bom com o próximo, mas para diminuir e compartilhar seu sofrimento, suas aflições, seus traumas, porque o fim do homem é a morte.

Não sou sovina nem miserável, as pessoas pensam que não tenho alma, que só penso em enriquecer, claro que o objetivo do empresário é ganhar dinheiro, mais dinheiro, todavia, nem tudo que as pessoas pensam do empresário é verdade, muita coisa o dinheiro não compra. O papel do empresário é igual ao lutador, o pugilista no ringue, o lutador de jiu-jítsu, de luta livre... O prazer do lutador é lutar, porém, o grau mais alto desse prazer

é o nocaute, deixar o adversário imóvel. O grau mais alto do prazer empresarial é nocautear o adversário no estrado do mercado econômico-financeiro.

Sempre deixei para Maria, agora, para José Maria, o lado filantrópico das empresas. Na Semana Santa, por exemplo, todos os funcionários recebem uma cesta de produtos que alimentam a tradição e o costume das comidas: bacalhau, corvina, miragaia, dendê, quiabo, folha de taioba, farinha de trigo, feijão fradinho, arroz, coentro, cebola, alho, temperos, frango, pão e vinho. Assim, acontece com os fogos e as comidas típicas das festas juninas. O Natal, além dos brinquedos para os pequerruchos, as comidas típicas fazem a festa.

Evidente, que o custo entra na contabilidade da holding e suas subsidiárias, ou seja, o dinheiro sai do meu bolso, porém grande é minha realização pessoal porque não apareço, **sigó ipsis littere** Jesus Cristo: “Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como ... Mas, quando tu deres esmola, não a tua mão esquerda o

que faz a tua direita” (Mateus 6:1-18), ou seja, eu sou solidário sem ser solidário, não toco trombeta e não apareço na mídia. Hoje, José Maria representa esse papel social, que é estar em paz com o mundo e consigo mesmo.

Portanto, leitor amigo, faça o que eu digo e não faça o que eu faço, se sua natureza é solidária, como a natureza da Irmã Dulce, exercite-a, pois se você não ganhar o céu, certamente, ganhará o reconhecimento, a terra. O que movia Irmã Dulce era o sentimento religioso e sua natureza santa. “A Beata Dulce dos Pobres ou Bem-Aventurada Dulce dos Pobres, tendo recebido o epíteto de "o anjo bom da Bahia", foi uma religiosa católica brasileira, que fez muitas ações de caridade e assistência para quem mais precisava”. Os santos são exceções e não regras. Antes de fechar este texto, em tempo, quero corrigir, penitenciar-me: as pessoas desprendidas das coisas materiais e as pessoas de natureza santa, religiosa, fazem solidariedade por amor ao próximo. Acredito na força do bem e o bem no final derrotará o mal.

Até tu, José Maria Villena Avilez Júnior?

“Homossexuais (aqueles "sem afeição natural") e os seus simpatizantes (aqueles que "consentem") são "dignos de morte. " [Rm 1:31-32]

Leitor amigo, vou começar este capítulo pelo fim, pois, grande é a minha dor e sofrimento no dia de hoje. A decepção causa dor e sofrimento. Como uma punhalada pelas costas, a desilusão fere profundamente o ser. Esse desapontamento veio nas asas da reprovável conduta do meu filho, José Maria Villena Avilez Júnior.

Senti-me como Júlio César (resguardando a grandeza do imperador romano, o tempo e a importância do fato histórico), que no meio dos seus assassinos, identificou seu filho adotivo, Marcos Brutos Filho, e no estertor da morte, clamou: “Até tu, Brutus?” O leitor amigo, irá entender a seguir, no desenrolar deste capítulo, os entretantos e os finais desta sinistra história de desilusão e desengano que fui vítima, não como Júlio César, que foi ferido com os punhais assassinos de seus algozes, mas, com os punhais da falta de moral, desvio de caráter e conduta criminosa de meu filho adotivo.

Tudo ocorreu naquela noite de quarta-feira do jogo Vasco versus Flamengo. Como de costume, fomos para casa de Zé da Onça, lá é divertido. Dona Helena preparou os comes e bebes (sucos e refrigerantes), a meninada e Zé da Onça torceram e gritaram pelo Vasco, os demais, torceram e gritaram pelo Flamengo, dentre os entusiasmados, Johnny, meu motorista e guarda-costas, indicado e admitido pelo meu filho José Maria, depois que o negro Lubião se foi.

Terminou o jogo com a vitória do Flamengo, despedimo-nos, uns tristes e outros alegres; outros, xingando a mãe do juiz e fomos para nossas casas, como sempre, fui acompanhado por Johnny até a minha residência. Quando virei a chave na fechadura que a porta se entreabriu, eu fui empurrado com força pelo meu guarda-costas, desequilibrado como bêbado, eu caí pesado no sofá. Não tive outra reação, senão, berrar:

- Enlouqueceu rapaz!?! – com cinismo...



- Não, velho, eu estou muito lúcido! – e aplicou-me uma bofetada. Ameacei ligar o alarme e recebi outro murro, desta vez no olho, que saiu “estrelas” de todas as cores. Instintivamente, percebi que a coisa era séria:

- Já sei, quer me extorquir, não é? Quanto?

- Como você vai me dar dinheiro, aqui, nestes confins de mundo?

- Não é tão longe assim... ligo pra José Maria, daqui a uma hora, tudo estará resolvido... ou não?

- Quer ganhar tempo como fez com Marquinhos e Negro Zé, não é velho?

- Quem lhe disse?

- Essa história, aqui, corre de boca em boca, esqueceu? Não se fala de outra coisa nessas matas!

- Então, você quer o quê?

- Nada! Eu vou lhe matar, já!...

- Rapaz, José Maria vai lhe meter na cadeia pra o resto da vida!

- Como? Kkk... – arrisquei:

- Quem rir por último, rir melhor!

- Você vai rir, mas nas profundas do inferno, seu velho miserável!

- Então, por que não me mata?

- Antes, quero que você saiba uma coisa: não gostaria de lhe matar, não sou assassino, porém, alguém me exigiu que o faça!

- Algum empresário perdedor?

- De certa forma, sim!

- De certa forma, sim?...

- Quanto lhe pagou?

- Não é por dinheiro!...

- É o quê?

- Cumplicidade, amor...

- Uma mulher?

- Não, um homem!

- Um homem? Você é bicha, veado!?

- Não! Eu sou homossexual!

- Mas... não é de meu conhecimento... quem?

- José Maria! - fiquei sem fôlego, quase que tenho um faniquito, controlei-me, mas inquiri-o com severidade:

-- O quê!? Não tenho filho veado! Quer me matar com suas calúnias!? Se eu tiver um filho veado, eu o expulsarei de minha casa, o amaldiçoarei, farei tudo pra ele não pegar um níquel do meu dinheiro. Prefiro vê-lo morto!

- Velho, por isto, José Maria mandou que lhe matasse. Você é mesquinho, monitora todas suas ações empresariais, lhe deu obrigação, mas não lhe deu poder. Daqui, da roça, você consegue manipular todos os diretores, portanto, é necessário que morra e deixe-o em paz!

- Eu iria sair dos negócios definitivamente, conforme seu desempenho, eu estava dando tempo ao tempo...

- Mentira!

- Ele não é o vice-presidente executivo?

- De boca!...

- Deixe-me viver!... Mandarei vocês dois pra Europa, ficarão lá o tempo que for suficiente pra que eu possa fazer a transição oficial da holding, feito a transição nos papéis, vocês voltarão e assumirão os negócios. Não existe crime perfeito, agora mesmo, todas as nossas imagens e conversas estão sendo gravadas, não lhes darei mais que 2 semanas, estarão presos. Ele, irá para uma cela especial, pois tem curso universitário, você irá para o cilindro!

- Velho, você não me conhece, menos ainda, José Maria. Ele planejou tudo nos mínimos detalhes: ninguém ouvirá os tiros, farei aqui a maior bagunça, inclusive,

destruirei seu computador. A polícia não vai encontrar nenhuma imagem nem conversa, pena que não irá ver, salvo, se deixar o inferno!

- Vocês, é que não me conhecem, tudo está no e-mail, não em HD, a senha só a polícia descobrirá, tem gente preparada para isso, portanto, lhe digo: José Maria não vai herdar um centavo. Filho que mata os pais, não tem direito a herança. Juízo, Johnny! – o blefe não colou, não o convenci, percebi a hora agá, ele afastou-se o suficiente e apontou-me uma pistola .45, não sei de onde, de repente, do nada, os gatos Cindy e Halley apareceram e, Johnny com a pistola, gritava apavorado:

- Como, velho!? Eu matei e enterrei esses gatos, como, velho!? Bem que me disseram que esses gatos têm parte com o Diabo e não acreditei!... – não o respondi, não deu tempo, não foi necessário, os gatos com unhas e dentes afiados pularam em cima de Johnny e arrancou-lhe a pistola (ele tentou atirar, mas a arma pisou várias vezes), de suas mãos. Ele puxou uma faca, mas a ação dos gatos foi a mesma, minto, foi mais rápida e recebeu uns bofetões que o deixou no chão desacordado.

Acionei o alarme, num instante, Zé da Onça e os seus camaradas apareceram, Johnny foi amarrado e a polícia chegou duas horas depois, encarregou-se do resto, antes de adentrar no camburão, ele gritava tresvariado:

- Como, velho!? Eu matei e enterrei esses gatos, como, velho!? Bem que me disseram que esses gatos têm parte com o Diabo e não acreditei!...

Antes do Sol nascer, com mala, mas sem cuia, arribei da fazenda “Tronco do Jequitibá” para cidade, acompanhado de Zé da Onça e seus homens e, eu segui “ipsis littere”, o conselho do general filho de Córsega: “A melhor defesa é o ataque”.

Acordei José Maria ainda na cama. O xibungo dormia com um bonito rapaz, o veado não perdia tempo, de chofre, ele largou o amante que puxou o carro. José Maria ficou sem chão...

Ali mesmo, eu convoquei o meu velho e confiável advogado, pedi-lhe que viesse de imediato à minha casa. Quando ele chegou, esbaforido, antes de dizer “bom dia”, questionou-me:

- Ocorreu algum tsunami?

- Quase... Quero que vá à empresa, convoque todos os diretores da holding em meu nome, marque uma reunião, às 16 horas! – antes dele responder:

-Ah, contrate uma empresa de segurança. Quero segurança pessoal, diuturna! - José Maria olhava-me surpreso e desconfiado, só se manifestou quando respondi ao meu velho advogado:

- Foi ameaçado de morte, patrão?

- Sim!

- Quem, meu pai? Por que não me ligou!?

- Não lhe liguei porque não tive tempo. Quem? Johnny! – observei-o incomodado e ansioso. Esperou que eu esclarecesse tudo, mas por estratégia, contive-me, adiantei-lhe, apenas, que Johnny foi preso. E, solicitei ao advogado:

- Carlos, contrate um criminalista, hoje ainda, eu desejo que esse calhorda fique muito tempo atrás das grades por tentativa de homicídio, agressão física (mostrei-lhe o hematoma do olho), quiçá, por não ter porte de arma. Conhece algum profissional competente e de confiança?

- Sim!

Observei que José Maria sentia-se cada vez mais desconfortável, quando ele ameaçou sair, numa atitude súbita e inesperada, ordenei a Zé da Onça que o acompanhasse:

- O senhor está me expulsando desta casa?

- Sim!

- Esta casa é herança de minha mãe!

- Sua mãe adotiva nunca quis nada de mim, ela não deixou nada de herança, vivia, coitada, da aposentadoria e às minhas custas... Por favor, saia desta casa! – enquanto elevava a voz, Zé da Onça e seus homens aproximaram de José Maria, aproveitei e completei a expulsão:

- Ah, não pise os pés nas empresas!

- Eu sou vice-presidente da holding!

- Dei-lhe o encargo de vice-presidente, mas não o cargo, o cargo pertence a mim, eu sou o presidente, o dono... há 50 anos que trabalho pra construir esse patrimônio que é hoje, inclusive, lhe dei 2 faculdades e lhe criei como um príncipe... hoje, você e seu amante tentaram me matar!

- Eu!?

- Tenho falas e imagens do seu amante. Transferi para polícia todo esse material, espero que os senhores se expliquem na justiça! – insisti:

- Saia desta casa!

-Se eu não saí? – Já irritado:

- O senhor quer sair por bem ou por mal? - Zé da Onça e seus homens se aproximaram mais ainda de José Maria numa ameaça explícita, na casa do sem jeito, ele falou:

- Eu vou embora, mas voltarei!

- Depois que eu morrer!...

Ele saiu com a bolsa cheia, sempre lhe estimei poupar mais do que gastar, além disto, por descargo de consciência e pensando em Maria, assegurei que seu salário de executivo não tivesse solução de continuidade.

37

Judas

“Judas, é com um beijo que você trai o Filho do Homem?”

O beijo é a forma mais vil de traição, beijamos aquele ou aquela que amamos, a traição de quem amamos, é o mesmo que afagar o indivíduo com a mão esquerda e lhe apunhalar com a mão direita. A traição dói porque quem trai é aquela pessoa que confiamos e depositamos os nossos segredos e as nossas esperanças. Não esperamos do inimigo fidelidade e amizade, mas esperamos das pessoas que gostamos e amamos, cumplicidade, lealdade e afeição.

Quando Johnny disse-me que não ia me matar por dinheiro, mas, “Cumplicidade, amor...”, e, se eu tivesse a providência de perdoar, teria lhe perdoado não 7 vezes como perguntou Pedro a Jesus Cristo, mas 70 vezes 7, é que, ele não é meu parente nem aderente, eu o conheci, agora, pelo maquiavelismo de José Maria, este, no entanto, eu não lhe perdoarei sempre.

José Maria além de traidor, jogou todos os princípios que Maria e eu lhe demos, no lixo. Ele foi criado como macho e como macho sonhamos ele perpetuar a família que Deus deixou, não, esse novo modelo corrompido de família que muita gente quer nos empurrar de goela abaixo. Modernidade não é sinônimo de perversão e promiscuidade sexuais. Embora a sociedade queira justificar a diversidade de gênero, os homossexuais, as lésbicas, os transexuais e os travestis etc., deveriam ser tratados como doentes crônicos (não existe ex-gay), isto é, a perversão sexual que não tem “cura”, mas tem tratamento e um dos tratamentos seria através da “Psicologia do Comportamento Organizacional”, “Psicanálise” e “Técnicas de Hipnose Regressiva”, diferente dos hermafroditas (Hermafrodito, do grego, filho de Hermes e de Afrodite), que teriam tratamento cirúrgico pago pelo estado, para correção de suas aberrações congênitas e acompanhamento psicológico pós-operatório.

A visibilidade que a mídia dá e a compreensão nefasta de alguns seguimentos da sociedade contribuem para que essas minorias se organizem (associações, paradas gays...), de tal maneira que corrompem a cada dia de forma exponencial os nossos jovens, os nossos filhos e influenciam de maneira má em nossa conduta moral e em nossos bons costumes. Por outro lado, a homofobia, a discriminação e a violência física ou verbal não devem ser estimuladas nem aceitas e os autores devem ser combatidos conforme a Lei.

Não aceitar e não gostar de certos comportamentos sexuais e sociais do sujeito diferem de não lhe respeitar.

Ainda hoje, surpreendo-me como alguém é capaz de disfarce por longo tempo, José Maria deve ser veado há alguns anos, porém, o pervertido disfarçou ser heterossexual com maestria que se sua ambição não lhe tivesse traído, eu teria passado daqui pra lado de lá na convicção que tinha dado ao mundo um homem não um afeminado, um ser pervertido e imoral.

Se Maria ainda estivesse aqui entre nós, certamente, ela o aceitaria com essa sodomia, mas derramaria muitas lágrimas de desgosto. Maria era uma pessoa religiosa, compreensiva, mas defensora (através do exemplo), da moral e costumes cristãos. Todavia, o coração de mãe não tem limite para o perdão, porque o coração de mãe é um pouco de Deus. Não obstante José Maria não ser seu filho biológico, suas afinidades de alma transcendiam e dispensavam a herança genética.

Enfim, José Maria foi meu Judas e ladrão dos meus sonhos e esperanças, não lhe desejo o manto da morte, mas lhe desejo perene os conflitos (sentimento de culpa e remorso) de sua consciência.

Alguém disse que a notícia boa anda de bengala e a ruim corre como o soldado de Maratona. Na reunião daquela tarde, com os diretores da holding, não se falava doutra

coisa, senão, que eu sofri tentativa de homicídio. Não se falava dos gatos, ninguém acreditou na história esquisita de Johnny, todos acharam que sua forte emoção o deixou de miolo mole.

Particularmente, os empregados mais antigos, disseram-me que havia um zumzum disfarçado sobre a relação de Johnny e José Maria, porém, coisa pessoal do vice-presidente, aparentemente, não tinha nada ver com a holding, ninguém quis preocupar-me no meu retiro voluntário de férias prolongadas, jamais alguém pensou que essa relação espúria descambasse em crime.

Adquiri uma casa popular em bairro de classe média, coloquei-a no papel em nome de Zé da Onça e Dona Helena, afinal, foi ele que me socorreu em momentos difíceis, além de demonstrar fidelidade canina. Por isto, chamei-lhe para ajudar na minha segurança e Dona Helena na administração de minha residência. Para seu lugar na fazenda, indiquei um antigo camarada da “Tronco do Jequitibá”.

Côncio das minhas limitações físicas, junto com os mais experientes advogados, dividi 40% da empresa em cotas entre os 100 empregados mais antigos e mais qualificados intelectualmente. Suas indenizações e seus FGTS foram convertidos em cotas de acordo a disponibilidade de cada um. Os diretores foram contemplados com cotas maiores, devido seus salários maiores, enfim, todos continuaram em seus postos de trabalho, agora, cada um com seu salário e cotas de participação nos lucros das empresas e responsabilidade de sócio, além de interferirem através do voto no destino empresarial da holding em assembleias ordinárias e extraordinárias.

Continuei presidente do Conselho Diretor. Após 120 dias dessa reestruturação administrativa, escolhemos dentre os diretores, pelo critério de competência, o vice-presidente executivo da holding, assim, eu desobriguei-me das ações cotidianas de mercado.

O meu patrimônio pessoal mais 60% das empresas seriam do meu herdeiro universal, mas na minha cabeça amadurecia uma ideia que, espero antes de morrer, estimado leitor, colocar esse anteprojeto no papel e na vida.

## Choro o fim sobre a pedra fria de mármore

“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.”

Após 6 meses que José Maria foi afastado das empresas e expulso de casa, ele deixou Johnny nas garras da polícia e foi curtir com seu novo namorado os pontos mais turísticos da Europa. Esteve na França, Inglaterra, Itália, Espanha e demorou em Portugal, acredito por ser a mesma língua lá e cá.

Por falta de prova, ele não foi denunciado de imediato à justiça pelo Ministério Público. Sempre sustentou que Johnny planejou e agiu por conta própria, com intuito de se apropriar, no futuro, de seus bens de herança, porém, o inquérito policial lhe arrolava a cada dia, o feeling dos investigadores se aproximava da verdade.

Na audiência de acareação, Johnny foi muito convincente, deu nomes de possíveis cúmplices, que foi buscar a arma em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, de um paraguaio de Pedro Juan Caballero, que foi uma odisséia trazê-la de lá pra cá, teve que corromper muita gente, que só foi possível por ter usado o tempo todo táxi aéreo, deu o nome de hotéis, etc., etc.

O relato do meu advogado concluiu que José Maria não foi preso nesse dia por ter bons advogados, réu primário, endereço fixo, peso do nome de família, também, tudo teria de ser averiguado.

Dois dias depois dessa acareação, a polícia cochilou, e, José Maria “capou o gato”. Com o passaporte em dia, ele e o amante em Salvador, embarcaram num voo internacional e, tchau Brasil!

Naquela manhã, a minha secretaria informou que estava ao telefone o cônsul do Brasil em Portugal. Sua excelência, depois de alguns entretantos, cheio de dedos, ele entrou nos finalmentes e informou-me que José Maria havia morrido num acidente, despencado numa falésia, no Cabo de Roca.



Ele e o amante estavam hospedados num hotel em Sintra, que 2 dias antes do acidente, eles foram ao povoado de Azenhas do Mar, ali, curtiram e fotografaram as várias casinhas brancas de telhados vermelhos incrustadas numa falésia. José Maria entusiasmado com tanta beleza do lugar, passou a fotografar a torto e a direito e numa rocha alta, desequilibrou-se e rolou pela encosta, caindo no mar já sem vida.

Providenciei com o cônsul o traslado do corpo de José Maria. Assumi todas as despesas do traslado, inclusive, as despesas de seu amante pra acompanhar o corpo do filho de Maria.

Eu fui e encontrei o corpo de José Maria sobre a pedra fria de mármore do IML. Lembrei-me da citação de Romanos: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Ali estava sobre a pedra fria de mármore, o filho que nunca foi meu filho, o filho do pecado, o filho de Maria, que, àquela hora, deveriam estar juntos em algum lugar do além. Ali estava todas as minhas esperanças, todos os meus sonhos jogados no chão frio do mármore. Ali estava anos de sacrifício, de noites perdidas ao lado do berço para niná-lo. Ali estava o nada que um dia foi tudo... então... orei e chorei e chorei...

O velório e o sepultamento foram concorridos, muita gente compareceu, não sei se para me prestar solidariedade ou por causa do morto. A “viúva” ou o “viúvo”, chorava aos prantos, parecia que o amava, porém, a cena dava-me asco, nojo, por pouco, não mandei os meus seguranças colocar-lhe no meio da rua aos pontapés, não fi-lo pra que a vergonha não fosse maior.

Não se deseja a morte de ninguém, mas não quero ser hipócrita, demagogo, a morte de José Maria Villena Avilez Júnior foi um alívio de remorso e desgosto e não um pesar.

Que Deus ou o Diabo o tenha na eternidade!

## Fundação Maria Villena Avilez

“Que a gente faça da vida Uma homenagem para aqueles que não puderam continuar”

Leitor amigo, lembra que lhe falei duma ideia no capítulo 38? Lembra que lhe disse: “... na minha cabeça amadurecia uma ideia que, espero antes de morrer, estimado leitor, colocar esse anteprojeto no papel e na vida”, portanto, 2 meses depois que o luto social (não o meu), já estava desbotado, eu coloquei o Estatuto e o Regimento da fundação no cartório e num edifício moderno, a minha ideia: “Fundação Maria Villena Avilez”, cujo objetivo será o financiamento para estudantes de nível superior e bolsas de estudo em escolas particulares de ensino fundamental, Nível-I e Nível-II.

No ano de 2016 que se aproxima, iremos começar com financiamento de 150 estudantes de faculdade e 200 bolsas de estudo para crianças e adolescentes pobres.

Como não deixarei herdeiro, a fundação terá a participação de 60% da holding, isto é, sócia majoritária da holding mais os recursos de 40% que vendi aos funcionários, mais meu patrimônio pessoal e mais recursos que herdei de José Maria, ou seja, no frigar dos ovos, a “Fundação Maria Villena Avilez” é a dona de quase tudo quando eu faltar, terá os recursos necessários para prover o nosso projeto social.

Para dificultar a corrupção, desvio de finalidade, a fundação é dirigida por um colegiado de 40 membros da comunidade de reputação ilibada. Esses membros (voluntários) serão escolhidos dentre os diretores da holding, diretores de escolas médias e fundamentais, educadores do ensino superior, representantes do Ministério Público, representantes da Justiça, comandantes da polícia, representantes de Rotary, de Lions, de Maçonaria e profissionais liberais. A organização da diretoria executiva é composta de: Presidente; 1º. Vice-presidente; 2º. Vice-presidente; Diretor de Comunicação; Diretor Administrativo; Diretor de Finanças; Diretor de Patrimônio.

Essa diretoria será eleita de 2 em 2 anos, conforme o Regimento, terá o mandato de 2 anos e o direito de pleitear mais uma reeleição. A diretoria executiva da fundação

cuidará, também, dos interesses da holding, inclusive, indicando o seu vice-presidente executivo.

A diretoria executiva terá salário de mercado, os demais membros terão pró-labore dum salário mínimo por pauta, aqueles que forem presentes nas assembleias anuais e, nas assembleias extraordinárias.

Nesse primeiro momento, como fundador e presidente vitalício da entidade: “Fundação Maria Villena Avilez”, e sócio majoritário da holding, indicarei, pessoalmente, todos os membros. O processo eletivo da diretoria executiva será com a minha morte, 30 dias depois. A partir daí os membros decidirão por voto (maioria de 2/3 dos 40 membros), manter a diretoria vigente ou escolher outros diretores. Porém, os membros comunitários escolhidos, desde já, receberão boletins informativos mensais e balanço anual de despesas e receitas e, serão convocados para discutir aumento de bolsas de estudo, cotas de financiamento de estudantes de nível universitário e novos projetos sociais em educação.

Leitor amigo, quero lhe pedir perdão pela leitura enfadonha do capítulo 40, que discorreremos sobre: “Fundação Maria Villena Avilez”. Quando estava na fazenda “Tronco do Jequitibá”, alimentava a ideia dessa fundação, claro, sob a batuta de José Maria na presidência e uma organização administrativa diferente: o Estatuto e o Regimento lhe contemplariam e contemplariam seus filhos e filhos dos seus filhos. Os fatos, a posteriori, atropelaram as nossas ideias originais.

A semana que findou, Johnny acrescentou, em novo depoimento, novos fatos à trama que, quase fui vítima de morte: José Maria sondou primeiro o negro Lubião para dá cabo de mim. O negro rejeitou peremptoriamente a proposta e não me falou porque a morte lhe veio antes. Aí, ele foi contratado para fazer o crime já que eram íntimos. Johnny não soube dizer se Lubião morreu de morte natural ou foi vítima de algum criminoso profissional que matou o negro e não deixou vestígio.

Porém, alguma coisa boa veio somar às coisas ruins esta semana: a vinda dos gatos para cidade de Cindy e Halley. Dona Helena esteve na fazenda a semana passada e trouxe os felinos e surpreendeu-me com sua maneira desenvolta:

- Patrão, quem eu trouxe da fazenda?

- Como hei de saber?

- O senhor não vai acreditar!...

- Deixe de mistério, Dona Helena!

- Cindy e Halley...

- Como?

- Po que?

- Ele disse que matou e os enterrou!

- Johnny está doido... os gatos estão vivinhos! – dito isto, foi à cobertura e os trouxe no colo com mimos.

Leitor amigo, não lhe demonstrei alegria, tenho cuidado com a língua ferina de Dona Helena, não obstante lhe ter apreço, mas fiquei contente com a vinda dos gatos. No mesmo instante providenciei comprar a ração dos gatos e os seus vasos de comida e bebida e 2 puffs para se espicharem.

Sou grato a esses gatos, eles livraram-me de morrer nas mãos de Marquinhos, Negro Zé e Johnny. Não me importa se eles são espíritos incorporados de Zé Nick, de Joana, de Pedro, de Paulo, de João...

42

O fim

“No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas  
que o vento não conseguiu levar:  
um estribilho antigo  
um carinho no momento preciso  
o folhear de um livro de poemas  
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...”

Deus ó Deus, obrigado por ter me dado o privilégio do fim, não sei se é o fim ou o começo do fim, a história não tem fim, sempre mais um capítulo é escrito pelo homem, portanto, não existe o fim absoluto, mas o fim relativo, cada homem constrói sua história que não encerra o fim, mas o começo do fim.

Quando comecei este livro, eu tinha na mente contar uma história absurda a exemplo de “Metamorfose” de Kafka, “Memórias Póstuma de Brás Cubas” de Machado de Assis, a história do defunto-autor e, “A Morte e a Morte de Quincas Berro d’Água” de Jorge Amado. Quincas Berro d’Água recusou ser enterrado na terra seca e foi sepultado no mar depois de morrer pela segunda vez: “– Me enterro como entender / na hora que resolver. / Podem guardar seu caixão / pra melhor ocasião. / Não vou deixar me prender / em cova rasa no chão”.

Nesta história não existe protagonista, ator principal ou a história de amor em que o mocinho atravessa montanhas e vales, singra os mares, luta com leões e rinocerontes, enfrenta o Diabo, para ter sua mulher, o seu sonho de amor nos braços.

Os gatos Cindy e Halley que falam, que lutam, que enfrentam o inimigo, que aparecem e desaparecem, que matam, que incorporam espíritos, também, não são protagonistas, esta história, sem pretensão do autor é a história do bem e do mal, maniqueísmo, a história de vida, desta existência estéril, absurda.

Aqui, o bem foi representado por Zé da Onça, Dona Helena, Sinhá Candinha, a Iyalorixá Possidônia, a minha irmã Maria, o negro Lubião; o mal foi encarnado por Negro Zé, Marquinhos, Johnny, Kleber e José Maria Júnior, porém, neste drama não teve um protagonista, todos são personagens secundários.

No enfrentamento do bem e do mal, o bem sempre vence, o bem é maioria. Na História da Humanidade não existe bem que dure sempre nem mal que não se acabe, ou seja, a energia do bem constrói momentos de felicidade, deixa exemplo a ser seguido, mas não é perene; o mal destrói a felicidade do homem, não é exemplo a ser seguido e se acaba. Afora os loucos, os ignorantes do conhecimento humano, os que não possuem bom senso, os psicopatas, ninguém quer ser Hitler ou seguir as ideias de Hitler, de Goebbels, de Stálin, mas todos querem ser Albert Sabin, Madre Tereza de Calcutá e Santos Dumont.

Amigo leitor, a filosofia do absurdo e a filosofia da existência sejam necessárias, condição “sine qua non” para explicar os mistérios da vida. A humanidade sempre se debruçou para entender a felicidade e o infortúnio. Todos nós queremos ser felizes, mas

“no meio do caminho tem uma pedra / uma pedra no meio do caminho”. A parábola do “homem rico tolo” expressa de maneira sucinta que a vida objetivamente não tem

sentido: “Oh alma! Tens em depósito muitas riquezas, para muitos e muitos anos! Descansa, come, bebe e alegra-te”, então, Deus lhe disse: “Insensato, esta noite a tua alma será chamada”.

Não pense leitor amigo que sou bonzinho: a “Fundação Maria Villena Avilez”, é significado de vida, depois de meio século de trabalho e a frustração com José Maria, eu teria de dar significado à vida e não me fechar no ódio e na decepção, isto, seria a minha derrocada pra morte iminente. Hoje, eu morro consciente que não sei que vou encontrar do lado de lá, mas sei o que deixei do lado de cá.

Nunca pensei em construir fortuna pra descansar, este pecado eu não levo, sempre tive por objetivo ajudar o outro através do trabalho, não lhe dou esmola, dou ao outro, condições dignas de sobrevivência. Se na juventude não tivesse a compreensão de acumular, honestamente, sem sujar as mãos de sangue, hoje, não deixaria as condições do conhecimento para centenas de jovens construírem um mundo melhor.

Enfim, nós somos nossas circunstâncias, mesmo num mundo de possibilidades adversas, Deus deu ao homem o livre arbítrio e a energia necessária para ele soerguer-se do chão.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original. Você não pode fazer uso comercial desta obra. Você não pode criar obras derivadas.



Autor: Rilvan Batista de Santana

**Dados Biográficos:**

**Nome: Rilvan Batista de Santana**

**Natural: Lagarto (SE)**

**Licenciado: Filosofia / Matemática**

**Pós-graduado: Psicopedagogia**

**Membro:**

**- Academia de Letras de Itabuna – ALITA**

**- União Brasileira de Escritores – UBE**

**Livros em Forma de E-book e Impresso:**

- 1) **A face obscura do homem**
- 2) **Atir**
- 3) **Carta para Paula**
- 4) **Cartas**
- 5) **Casas mal-assombradas**
- 6) **Contos e crônicas**
- 7) **Cristais quebrados**
- 8) **Hanna**
- 9) **Lágrimas rolando**
- 10) **Maria Madalena**
- 11) **O DNA de Emanuel**
- 12) **O empresário**
- 13) **O enviado**
- 14) **O homem nasce pra ser feliz?...**
- 15) **O Juiz**
- 16) **O menino dos olhos verdes**
- 17) **Retalhos da vida**
- 18) **Rosas com espinhos**
- 19) **Suor, cacau e sangue**
- 20) **Guriatã, o intérprete.**

